

I ENCONTRO NACIONAL DOS NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA

:: Partilhando saberes, colhendo aprendizados e apontando lições: as contribuições dos NEAs para a construção do conhecimento agroecológico no Brasil ::



08, 09, 10 e 11 de Setembro de 2017

Conselho Indigenista Missionário - Cimi (Luziânia, GO)

SÍNTESE

08, 09, 10 e 11 de Setembro de 2017 - Conselho Indigenista Missionário - Cimi (Luziânia, GO)

Objetivos:

- *Compartilhar os aprendizados do Projeto de Sistematização de Experiências;*
- *Avaliar coletivamente as sementes (ações) e as colheitas (resultados) construídas com os NEAs;*
- *Indicar lições que possam contribuir para construção de novos caminhos;*
- *Planejar coletivamente ações futuras enquanto Núcleos de Agroecologia (X CBA, IV ENA e outras);*

Equipes/Coletivos de Trabalho do Encontro:

- *Hospedagem, Acolhida e Cuidados*
- *Logística, Transportes e Alimentação*
- *Relatoria*
- *Mística e Cultura*
- *Comunicação Popular*
- *Oficinas Autogestionadas*

Princípios e Metodologias:

- *Mesa da Partilha*
- *Coletivos de Trabalho com estudantes e educadoras/es de todas as regiões*
- *Exercício prático de sistematização*
- *Cultura como um dos eixos estruturantes da programação*
- *Diálogo com os governos e parceiros*
- *Valorização de espaços populares e militantes (CIMI - luta indígena)*
- *Alimentação familiar, local e agroecológica*
- *Cozinha Colaborativa com alimentos das 5 regiões do país*
- *Envolvimento de jovens comunicadores do DF*
- *Relatoria colaborativa*
- *Espaços abertos e colaborativos: Oficinas Autogestionadas e Peneirinhas*
- *Arte e estética - parcerias na construção de espaços pedagógicos (Ateliê Criativo para a confecção dos crachás, exposição fotográfica, como exemplos)*
- *Saúde Integral (sabonetes medicinais, chás, espaço do cuidado e poesia)*
- *Facilitação Gráfica como linguagem da sistematização*
- *Colaboração dos NEAs na viabilização da participação no encontro*
- *Escuta atenta e valorização dos saberes das agricultoras, agricultores e jovens*
- *Transmissão ao vivo e síntese audiovisuais diárias buscando ampliar a participação e o acompanhamento*
- *Comunicação como parte do processo de sistematização*
- *Envolvimento e planejamento integrados – X CBA e IV ENA*

Sobre o projeto:

- **O que é? Sua história?** <https://goo.gl/kwRomr>
- **Blog:** <https://medium.com/aba-agroecologia/projetodesistematizacao/home>
- **Vídeos:** <https://www.youtube.com/channel/UCcPbso3v5eHt1MIHxEb9bqQ>
 - Dia 1 - Fortalecendo Redes: <https://goo.gl/oeG4ph>
 - Dia 2 - Nossa Cultura - Saberes e sabores: <https://goo.gl/4YpsAm>
 - Dia 3 - Partilhando lições e construindo aprendizados: <https://goo.gl/tGiVmV>
 - Dia 4 - Nossos próximos passos: <https://goo.gl/uE3jmU>
 - Festejo: <https://goo.gl/a3CdwD>
- **Facebook (fotos e notícias):**
 - Álbum Geral Encontro: <https://goo.gl/Kqoh1p>

Conteúdo – Sumário

Dia 1:

Acolhida, Informes e Programação	4
Informes	4
Apresentação do CIMI	4
Roda de Conversa	4

Dia 2:

Acolhida, Acordos Coletivos, Roda de Saberes e Rio do Tempo	7
Acolhida dia	7
Acordos Coletivos (Muriel e Felipe)	7
Roda de Saberes (Depoimentos de Agricultoras/es e Jovens por região)	8
Registro das Oficinas Autogestionadas	10
Rio do Tempo: Instalações Pedagógicas por Região	11
Elementos da região Norte	11
Elementos da região Nordeste	11
Elementos da região Centro Oeste	11
Elementos da região Sul	12
Elementos da região Sudeste	12
Trabalho em Grupo – Matriz de Sistematização	13
Grupo de discussão Processos Educativos	13
Grupo de discussão de Metodologias Participativas	14
Grupo de discussão Diversidade e etnicidades	18
Grupo de discussão Juventudes	21
Grupo de discussão Gênero	24
Grupo de discussão de Políticas Públicas	27
Grupo de discussão Agrobiodiversidade	31
Grupo de discussão Saúde	37

Dia 3:

Síntese dos Grupos – Socialização das Lições Apreendidas, dos Desafios e dos Exemplos	39
Síntese do espaço de socialização da Matriz – domingo de manhã	43
Oficina de Escrita Criativa	44
Espaço sobre o IV ENA: O Papel dos NEAs na construção do IV ENA	46
Preparação para o diálogo com o Governo e Encaminhamentos dos Desafios Políticos	48

Dia 4:

Aquário – Espaço com os Ministérios	49
Anexo 1 – Matriz de Sistematização Lições dos NEAs (Quadro Síntese)	57
	58

Memória Online – Todos os materiais: <https://goo.gl/8q1LSL>

Anexo 1 – Programação completa: https://goo.gl/S1MxKR
Anexo 2 – Matriz (todos os documentos): https://goo.gl/AtDqGV
Anexo 3 – Poesias e Músicas: https://goo.gl/iZbcxH
Anexo 4 – Listas de Participantes: https://goo.gl/3ZMJdn
Anexo 5 – Materiais Produzidos: https://goo.gl/DY6dbT
Anexo 6 – Facilitações Gráficas: https://goo.gl/RyYr3W

Dia 1: Acolhida, Informes e Programação - 08/09/2017

Informes:

- Informes gerais
- Apresentação dos antenados das comissões
- Programação

Apresentação do CIMI:

- CIMI – Centro de Formação
- Principalmente pelo momento conjuntural que estamos vivendo e certamente isso de alguma forma já diz que morar aqui [no cimi] é uma forma de resistência. O fato de vocês estarem aqui já sinalizam para gente essa resistência.
- Vicente Canaã foi assassinado a 30 anos. Dizer o nome desse espaço é muito importante, pois Vicente foi assassinado em defesa do povo indígena. Por isso o nome do centro, para manter essa história de luta viva;
- Mobilização indígena em Brasília é muito forte. O cimi foi idealizado para receber os indígenas que viessem de diversas partes do país para as ações de luta no DF.

RODA DE CONVERSA – Objetivo: Fazer a retrospectiva de como chegamos até aqui.

Facilitadoras/es: Irene Cardoso, *Falas alocadas para o dia seguinte: Raimundo (Nordeste), Fran (Arandu), Elba (Centro-oeste), Ruth (Norte)*

Link para o vídeo da transmissão ao vivo: <https://goo.gl/5fLL6F>

Irene Cardoso

- Foi aqui no CIMI onde surgiu a ideia de construção das Caravanas rumo ao IV ENA;
- Quando eu cheguei e vi esse tanto de coisa bonita eu tive duas sensações: será que as pessoas vão sair felizes daqui. Ai eu pensei, vão sim, porque a nossa felicidade é a gente que faz. A outra coisa foi, será que esse é o fim mesmo de um projeto? Nós não precisamos dar fim a nossa história (fala).
- Memória da agroecologia:
 - ✓ Os grupos de agricultura alternativa iniciados no final da década de 1970 e início dos anos 1980 fazem parte da história dos núcleos que aqui estão hoje;
 - ✓ Final dos anos 1970-1980 resistência dos trabalhadores frente ao crescente modelo conservador;
 - ✓ Seminário Nacional que deu início a Rede APTA, realizado em Campinas em 1983, deu início a uma série de projetos de resistência;
 - ✓ 1987 – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, realizado em Cuiabá, promovendo um debate sobre a agricultura alternativa na formação dos estudantes das agrárias;
 - ✓ Abertura de cursos com ênfase na agricultura alternativa;
 - ✓ 1983 - Movimento Estudantil: Luta por uma universidade mais democrática e pela problematização da agricultura conservadora – parceiras com organizações indígenas e organizações não governamentais;
 - ✓ Criação da FEAB;
 - ✓ 1981 – Curitiba – Realização do I EBA – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa – articulação entre ensino, pesquisa e extensão;
 - ✓ Os EBAAS são construídos pela FEAB e pela FEAB;

- ✓ GEAE – Paraná – grupo de agroecologia que existe até hoje, foi construído influenciado pela participação no primeiro EBAA;
 - ✓ 1976 – I Simpósio Nacional de Ecologia – com participação Ana Primavesi e Federação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil – participação de grandes profissionais que já vinham debatendo a agricultura alternativa;
 - ✓ EBAA virou CBA – os EBAAS foram interrompidos em 1989 e a rede APTA vai ficando fragilizada, a FEAB vai se voltando para o agronegócio..fica então um buraco;
 - ✓ Em 2000, é construído o primeiro CBA;
 - ✓ 2004 – Criação da ABA;
 - ✓ Criação da ANA e realização dos ENAs;
 - ✓ Simos daqui com uma missão: construir o IV ENA em Belo Horizonte (2017);
 - ✓ Com essa memória chegamos até aqui;
- Minha percepção sobre o que aconteceu até aqui tem três pilares:
 1. Espiritual – importância da CERES – baseados na teologia da libertação;
 2. Nessa época que os sindicatos se reconstrói, a partir de outra perspectiva - combativa – criação da CUT e do PT;
 3. Técnico – discussão dos CONSEAs e EBAA – articulação política nacional que começou a discutir e a repensar o que foi a revolução verde;
 - Naquela época o logo do ME era “Não use veneno, use a natureza” e hoje, 30 anos depois, somos o país que mais consome agrotóxicos. Isso significa que ainda temos muito o que avançar, temos ainda muita luta;
 - Como a agroecologia entrou na Embrapa:
 - ✓ 1981 – proposta de debater agricultura alternativa na EMBRAPA foi negado;
 - ✓ Centro de Meio Ambiente era muito contraditório;
 - ✓ Início de 2005 – já existiam algumas sincronicidades com o que estava acontecendo;
 - ✓ Outro ponto muito importante para a Embrapa garantir sua relação com a agroecologia foi a pressão dos movimentos sociais – lutando pela defesa de pesquisas de interesse social, pois a embrapa é uma empresa pública – destaca-se os movimentos de mulheres;
 - ✓ Demanda agora é conseguir editais de apoio a agroecologia para instituições de pesquisa, pois hoje só tem para as instituições de ensino;
 - Como foi construído os editais para a criação de núcleos:
 - ✓ Tinha como objetivo repensar o modelo de agricultura, de falar a importância da agricultura familiar para os territórios – problematizando o PRONAF,
 - ✓ Teve como apoio o Fórum da Extensão Rural e o Fórum da Agroecologia;
 - ✓ A proposta era que a formação de técnicos com foco em outra perspectiva de assistência fosse assumido pelas instituições de ensino. Daí sai a ideia dos editais, para repassar recursos para as universidades para que elas investissem na formação de técnicos – interface ensino, pesquisa e extensão;
 - ✓ A grande estratégia foi fazer com que o recurso saísse pelo CNPq;
 - ✓ Primeiro edital é lançado em 2010;
 - ✓ Em 2012 – construção do PNAPO – demandando mais ainda a formação de técnicos;
 - ✓ A ideia era ter os editais nas EMATERs, mas o CNPq não permite isso;
 - ✓ 2013 – construção do edital do 81/2013;
 - ✓ O último edital 21/2016 – 450 núcleos enviaram projetos, mas o recurso disponível reduziu muito. Com o golpe não pode contar com esse recurso;
 - ✓ Década de 1980 – diversas teses e trabalhos acadêmicos se desafiando a romper com a tradição – acadêmica e de produção. Avança a ideia de rede (1987-1988), daí surge a ideia dos intercâmbios, da troca de saberes, etc;
 - ✓ Neste período (1980) surge também a ideia de incidir nas políticas públicas;

- Como a agroecologia chega na Europa:
 - ✓ França faz mapeamentos e tem sistematização em vários países da Europa – com base acadêmica. O desafio é organizar um fórum com movimentos sociais para debater as políticas públicas;
- Agroecologia para os Movimentos Sociais:
 - ✓ Elba (MST-GO): Junto com o MST vem a agricultura familiar, a agroecologia. Nós somos contra o veneno;
 - ✓ Vários espaços de formação em parceria com as universidades – semente crioula, etc.;
 - ✓ Nós planta a terra sem veneno, nós planta comida sem veneno junto com o apoio do Instituto Federal (de Goiás). Agroecologia pra nós é a nossa vida. Eu fico muito feliz hoje de participar do evento aqui.
 - ✓ Lena (CONTAG): No nosso último congresso realizado em março, foi reafirmado que os agricultores e agricultoras precisam produzir sem veneno. Não se garante a soberania dos povos, sem pensar a agroecologia.
- Agroecologia deve ser pensada em três dimensões: ciência, movimento e prática, de forma articulada. É a articulação entre esses eixos que traz a base para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – essa é a prática dos Núcleos e esse é o ideal desde a agricultura alternativa;
- No Brasil, diferente da Europa, a agroecologia não começa a ser pensada dentro das universidades;
- Agroecologia enquanto base para a agricultura alternativa – vindo dos povos e comunidades tradicionais;
- A origem, a raiz da agroecologia vem da prática dos agricultores e agricultoras;
- Função social da universidade – parceira com os movimentos, povos e comunidades tradicionais;
- O núcleo apontam que a parceira com diferentes atores;
- Como surge o projeto de sistematização:
 - ✓ Surge no CBA, Porto Alegre em 2013;
 - ✓ O edital 81 já tinha sido lançado e aí surge a ideia de sistematizar a experiências dos núcleos para visualizar de onde os núcleos vieram e para onde vão. Outro objetivo era o fortalecimento da ABA;
 - ✓ O projeto de sistematização traria o fortalecimento da ABA enquanto organização;
 - ✓ Parece-me que os dois objetivos foram alcançados;
 - ✓ A ABA não podia assumir o projeto de sistematização – então ele foi assumido pela UFV (Irene), Embrapa Agrobiologia (Cristhiane) e UFPE (Virginia);
 - ✓ O projeto só foi possível porque pudemos contar com os estudantes. A autonomia da juventude foi o que garantiu que chegássemos até aqui;
 - ✓ Foi um esforço muito grande construir esse projeto;
- Para finalizar:
 - ✓ Esse projeto foi um processo de construção coletiva;
 - ✓ O projeto foi pensado metodologicamente como ele aconteceu, mas afetivamente não tínhamos a dimensão que ele tomaria a proporção que ele tomou. A construção do Coletivo Mídia Crioula embelezou de maneira ímpar a construção desse projeto, trazendo a estética da afetividade, do carinho, do cuidado. Isso trouxe uma grande diferença para o processo. Nosso saber fazer é coletivo, cada um desde seu lugar – seja a academia, os movimentos sociais, etc. – mas estamos articulados;
 - ✓ Um agradecimento especial os estudantes – em especial ao Mídia Crioula – por acreditar nesse sonho com a gente;
 - ✓ O projeto é isso! Ele foi pensado para que a gente parasse por um momento e olhasse para nós mesmos. Parar e pensar as nossas lições. Mas, fazer isso com a leveza de olhar até mesmo para o que não deu certo e ver que ali também aprendemos. Pensar nas nossas contradições;

- Trabalho da juventude:
 - ✓ Dos grupos de agricultura alternativa aos grupos de agroecologia – os grupos de agroecologia que dão corpo aos NEAs já vinham atuando junto às comunidades e aos assentamentos, mesmo sem edital, sem recurso, na militância;
 - ✓ Dentro dessa linha que tecemos aqui até aqui é importante relembrar o Fórum Social Mundial – onde os grupos de agroecologia se fortalecem e constroem o ENGA (evento que radicaliza na luta pelo nosso discurso, pela quebra dos tabus;
 - ✓ Construção da REGA.
 - ✓ Mística de encerramento

Dia 2_ Acolhida, Acordos Coletivos, Roda de Saberes e Rio do Tempo

Dia 9 de setembro de 2017

MANHÃ (Relator: William – williamassis@ufpa.br)



Acolhida dia:

- CAIO MENEZES – Leitura de um cordel
- DJALMA – todos de pé – saudação ao Sol – virados para o nascente – respiração profunda e a letra O; vira para o poente e repete o exercício.
- Joana - Banho de cheiro – “água forte” (música – águas de cachoeira - e distribuição de uma água de cheiro)
- Irene – relato sobre caravanas – William apresentando o Djalma – Djalma deu uma dica sobre a peneirinha – Djalma também criou a “panela cultural”.
- Djalma – militante do MST por 20 anos. Ultimamente foi convidado para contribuir com um grupo cultural. Percebeu dentro da conjuntura atual uma barreira grande para internalizar a cultura nos momentos de discussão (Pedi ajuda a Exu). Os próprios artistas criaram barreiras por sobrepor à militância as manifestações culturais. Como vamos discutir agroecologia sem arte? Não tivemos tempo e nem sabedoria para usar a arte. Dedico-me a incluir novamente a arte na militância. Precisamos construir esses novos espaços. Meu nome é Januário. Meu bisavô alforriado herdou o nome da fazenda que não tem nada de parentesco com Luis Gonzaga. Temos que reinserir a cultura, mas a arte deve ser tratada da forma como deve ser tratada porque a arte é sagrada.

ACORDOS COLETIVOS (Muriel e Felipe)

Temos 200 pessoas e o desafio é conviver de forma harmônica nesses dias. Como somos da agroecologia, que é diversa, vamos conseguir. Vamos sugerir algumas como:

- Levantar a mão quando alguém tiver em conversas paralelas
- Gestos para sim, mais ou menos, não gostei
- Contemplado tremer as mãos
- Silêncio?
- Evitar o uso do celular nas plenárias e grupos (usar fora das salas)
- Cores das equipes – verificar o quadro das cores – organizar a autogestão
- Cuidado com o lixo – atenção com descarte dos resíduos orgânicos
- Cuidado para não sujar as paredes
- Cuidado coletivo com as crianças
- Cuidado com o barulho durante a noite
- Cuidado com as torneiras
- Que as pessoas se identifiquem para ajudar na relatoria
- Uso de quartos e banheiros coletivos sem diferenciação de sexo
- Pessoas que atuam com homeopatia discutir com o CIMI uma alternativa para o problema com formigas

Lembrete sobre as funções das comissões (em função das cores dos cordões dos crachás).

Dia 2_ Roda de Saberes (Depoimentos Por Regiões)

RAIMUNDO PEDRO (Piauí) – comunidade Pedra da areia, Esperantina (PI), Grupo Cajuí. Estou com outras pessoas aqui...Falar do grupo cajuí em pouco tempo é muita pressão, mas tudo bem. Contexto – quando criança acordava com barulho de faca, minha mãe e vizinhos tratando peixe. Meu pai pescava cedo e trazia o peixe. Naquele tempo não tinha dinheiro, mas tinha o peixe, tinha alimento. Criava porco. Tinha floresta que produzia muitos frutos, Guabiraba, tucum, animais, caças e tudo servia para alimento. Tinha a roça. Não tinha dinheiro, mas tinha muitas coisas para alimentação. No caminho da roça tinha muita água, tinha nascente. As famílias eram grandes, mas não tinha muita preocupação porque tinha alimento. Hoje a população aumentou, mas não temos mais floresta, não temos mais rio, nem paiol, nem animais. Naquele tempo também não tinham muitas festas, automóveis, moto gasolina, mas tínhamos alimentos. O desafio da agroecologia hoje é entender que os produtos criados pelo homem são bons, mas devemos entender que somos também produto da natureza. Com ser feliz com os produtos dos seres humanos, mas não ser tão insensível com a natureza. Fui incentivado a...mas tive a felicidade, a benção de cajuí (emocionado)...ter apontado para mim, abrir horizontes, ampliado a visão,...conheci cajuí em 2010...num terreno que só tinha munduru de cupim, comecei e hoje tem floresta, frutas (...), horta (aguada com água da chuva). Construí cisterna para uso na horta e na casa. Existem várias pessoas que contribuíram, Flávio, Laetícia...O que é agroecologia – para um agricultor, é estar em harmonia com a natureza, com todas as pessoas (sem...), com economia solidária, com a cultura (tem que estar inserido) não deixar morrer o que é bom, com a política (entendendo que deve ser justa), com espiritualidade (fazer), com a história. Não considero entender como no território dos cocais se substituiu o azeite de coco pela soja...como é que num cercado cheio de caju tu coloca refrigerante para tua família beber. Eu devo isso ao grupo Cajuí (emocionado). Garantiram minha vida. Eu estou aqui para aprender e levar algumas coisas para minha comunidade.

ANA (Paraná) – primeira Mestre formada no Mestrado em Agroecologia da Universidade da Fronteira Sul.

Não sei nem o que falar depois desse relato maravilhoso. Minha história...agroecologia é uma ciência que se diferencia das outras porque vem do povo. O povo praticava agroecologia sem saber o que era agroecologia. Minha mãe sempre trabalhou assim sem saber o que era agroecologia.. Aprendi com ela cuidar das sementes, cultivar plantas medicinais, plantar tudo misturado...fui para universidade aprender agroecologia como ciência. O primeiro livro que li foi da primavesi. Entrei no Núcleoda fronteira sul. Isso me permitiu conhecer muitas famílias que produzem alimentação saudável ...saí da universidade e continuei trabalhando em casa e hoje estou construindo o "recanto primavesi" que é uma grande mulher e que nos deixou um grande legado em agroecologia. Desde fevereiro deste ano estou trabalhando na certificação orgânica

dos nossos produtos (meu e de minha mãe), já estou vendo coisas, cestas agroecológicas. Procurei o movimento para atuar com mulheres. Eu e outras companheiras estamos trabalhando com as cardenetas agroecológicas para mostrar a importância do trabalho da mulher que muitas vezes trabalha mais que os homens no campo.

FRANCINE (Arandu)

Estudante de biologia. O grupo onde participo são pessoas muito jovens. Trabalhamos com educação ambiental e pestalose. Entrei no NEA, meio sem querer, estava procurando um evento da pestalose, entrei na sala errada, as pessoas falando sobre agrotóxicos, veneno, fui ficando porque havia começado. As pessoas do evento foram afetivos, carinhosos, e daí comecei a acompanhar todos os eventos e me apaixonei pelo tema.

ELBA (Centro Oeste) – rio verde goiás

Faço parte do coletivo de mulheres (MST), acampamento ...Trabalhamos sem veneno, temos parceria com IF de rio verde, onde os companheiros trabalham pela alimentação saudável. A região só produz cana. Lá fizemos uma pergunta. Vocês querem cana na mesa dos seus filhos ou comida saudável. Coletivo de mulheres "pé com palha e pé sem palha" – no MST aprendemos a fazer luta com calma e quando precisa a gente sabe fazer de forma quente. Quando a gente pensa em luta, pensa em coletivo. Nós aqui estamos pensando em alimento saudável para nossos filhos. Eles que comam cana. Eles não sabem nem organizar as usinas pois só tem dívida. A gente tem lutado muito (que nem formiguinha), mas se todo mundo tivesse na rua a Dilma não teria saída. Temos que ir pra rua e cobrar mesmo, se não nossa constituição não vai valer mais nada. Pra nós conseguir alguma coisa é preciso lutar. Eu era ignorante, tinha vergonha, hoje estou na luta...a gente fez uma caravana, aprendeu muito, visitamos terras indígenas. Alguns foram presos nessa luta. Prenderam de nossa ocupação e gente de fora também. Estamos ocupando há mais de 1 ano. Houve um incêndio, morreu uma criança.

RUTH (NEA Capitão Poço)

Meu primeiro contato com agroecologia foi no primeiro semestre de agronomia. As primeiras disciplinas trouxe uma frustração tremenda, mas a partir do segundo semestre outras disciplinas nos deram novo alento. Isso trouxe para nós estudantes que vinham do interior procurando novos olhares, tentando ajudar os agricultores. Entramos nesse trabalho junto aos assentados da reforma agrária. Nosso papel, estudante, é justamente se apropriar dos conhecimentos nesses espaços e se "infiltrar" nas instituições e quebrar as barreiras existentes. Os NEA são grupos de resistência para saber lutar e se posicionar. Gostaria de registrar o que sinto em uma palavra e a única palavra é acolhimento, por isso agradeço e desejo um excelente encontro e que esse acolhimento e calor seja estendidos até o CBA.



Registro das Oficinas Autogestionadas

Nome da atividade	Núcleo responsável pela atividade
Saúde do solo	Nea- Bananeiras
Pintura com terra: Energia viva	Unitas Agroecológica
Experiência do NEA Lama / UEPG em ATER para a certificação de orgânicos	Lama / UEPG
Confecção de Filtro dos Sonhos	Núcleo de Agroecologia Apetê-Caapuã
"Método de sistematização de experiências sociais"	Embrapa/UFSCAR
NEAs em instituições de pesquisa: Importância, limitações, desafios e estratégias	Puxirum Agroecológico (Embrapa Amazônia Oriental)
Produção de mudas de <i>Dendrocalamus asper</i>	Casa Verde
Como multiplicar as agroflorestas agroecológicas? Construção em rede de prioridades	Rede SAFAS
Erosão cultural. Perda da identidade	NEA-BAC

Relembramos que algumas oficinas não aconteceram por conta de ajustes na programação.

Rio do Tempo: Rio de Histórias

Instalações Pedagógicas por Região

MANHÃ (Relator: William – williamassis@ufpa.br)

Rio nos remete também ao que foi dito no dialogo de convergências, não olhar apenas para a agroecologia e sim para as coisas que ameaçam a agroecologia. No caso do rio doce, não existe mais peixe. O Rio da Agroecologia no Brasil sofreu um duro golpe, mas resiste.

RIO DO TEMPO – a metodologia foi pensada para resgatar a história de construção da agroecologia em cada um dos locais.

Juarez – rio do tempo faz referencia a origem de tudo.

Lucas (Bananeira) – representa uma construção coletiva onde nada se sobrepõe. Representa os ciclos atuais nos NEAs e as continuidades.

Fernanda – o mais forte é o movimento, a ideia de tudo que a gente faz movimento a vida.

FERNANDO – a ideia foi de contar a história. Nesse momento a ideia é montar o grande rio do projeto de sistematização começando pelo rio do tempo das regiões, depois vamos montar um grande rio, que será o grande rio do projeto.

Antenas pra montagem:

- Douglas – antena sudeste
- Luiza – Sul
- Mari – Sudeste

- Nordeste – Felipe
- Norte – José Junior

Lanche – mesa de partilha



Rio do Tempo - Região Norte

José Júnior/Romier - Organizamos um rio da agroecologia com afluentes datando as principais atividades. Estabelecemos 2000 como data importante como marco da resistência acadêmico-científica e da proximidade da relação com os agricultores. Dentro desse percurso escolhemos a Castanha do Pará e a Farinha como representantes da agrobiodiversidade como ponto de partida; o segundo elemento significativo que representa o trabalho da Rede e do NEA foi o IX CBA que aconteceu em 2015 em Belém e que desencadeou muitos processos de articulação entre os grupos; o terceiro elemento foi um livro publicado no Amazonas em 2016, onde se exercitou a construção do conhecimento articulando os saberes dos agricultores e da academia.

Elementos da região Nordeste

Maria do Céu/Solânea/PB - é muito difícil trazer três pontos dentro de tamanha diversidade. Um dos temas foi "Sem Feminismo não há Agroecologia". No nordeste se trabalha com muitos temas articulados com as mulheres, principalmente no que se referem os espaços de produção nas proximidades da casa. Isso nos levou a trabalhar também com o tema da violência. No nordeste tem muitos casos de violência contra a mulher. O trabalho é articulado entre diferentes instituições e redes. Música (...)

Vivian IFPE – nos nossos núcleos um tema forte é sobre as populações tradicionais. Vários elementos que representam os Quilombos (bonequinha, sementes, vasos...)

Bandeira bordada – a bandeira foi confeccionada no seminário do seminário rendas. A construção da bandeira foi parte da metodologia do seminário. O projeto encerrou, mas a rede continua. A bandeira vai ser levada por todos os eventos onde a rede participe. De certa forma a bandeira se inspirou no movimento das "arpileras"

Elementos da região Centro Oeste

Mari – tivemos dificuldade em escolher três elementos. O primeiro, bandeira do MST, representa a luta pela terra e pelo território. Representa a luta contra o agronegócio. A luta começou em 2015 e muitos foram presos. A luta valeu e hoje estamos lá. A Usina deve muito ao estado, 800 milhões. Falar de reforma agrária no Brasil não é fácil. Você vira bandido e bandida na rua. Qualquer tipo de movimento social no Brasil só dá cadeia. O MST não tem medo não. Nós vamos pra rua e falamos mesmo.

Magmar – não existe agroecologia sem luta pela terra. Se vamos falar de agroecologia temos que falar sobre a luta pela terra, sobre os movimentos sociais. Não tem como definir agroecologia sem um olhar especial em relação aos povos originais. Não podemos pensar agroecologia também sem pensar na comunicação. As redes sociais são hoje uma resistência. Como vamos enfrentar a grande mídia? Precisamos aprimorar e desenvolver a mídia crioula.

Leila – campanha sem cerrado, sem água, sem vida – essa campanha representa a diversidade de entidades e a luta pela terra no cerrado. O filme (Título?...) foi elaborado para divulgar a campanha. O agronegócio na região não respeita a legislação no que se refere a distância de proteção das nascentes no cerrado. Por isso a campanha é de grande importância para a agroecologia.

Sara Luiza – marcha mundial das mulheres – mestranda meio ambiente UNB. Tivemos dificuldade de definir os elementos, mas todos os escolhidos são estruturantes para a agroecologia. A Educação popular é o terceiro elemento estruturante para a agroecologia. A construção coletiva do conhecimento é importante para a agroecologia, mas a educação é estruturante e estratégica para fortalecer.

"Pensar a agroecologia no futuro é pensar educação popular agora"

Irene – o que a região trás são coisas estruturantes do projeto de sistematização.

Elementos da região sul

Hércules – dificuldade de escolher os três elementos. O primeiro é relacionado aos movimentos sociais e ao movimento estudantil. Foi construído no primeiro seminário...Foram importantes nos últimos trinta anos as jornadas, os seminários e outros eventos.

Grazi – o segundo elemento é a arte, o afeto e a construção coletiva. O mate um produto que nos une e também é um produto agregador. É um produto de origem guarani e que foi internalizada por todas as populações.

Uruguaia – reconstruir e transformar.

Hugo – um elemento importante foi a abertura de Editais que permitiram a implementação de práticas agroecológicas. De uma maneira geral, todas as políticas públicas que criaram oportunidades de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Somos uma Universidade importante do sul do Brasil, mas não formamos profissionais para atuar com a agroecologia. Estamos no fim de um ciclo e os Editais estão mais complexos, mais difíceis.

Elementos da região sudeste

Douglas: O primeiro elemento é a bandeira do comboio que articulou a rede de núcleos do sudeste. O projeto comboio não acabou. Em julho de 2016 o projeto encerrou e começa o projeto de sistematização. Essa dobradinha foi importante para garantir um seminário muito maior do que só o projeto de sistematização poderia fazer.

Larissa: O comboio simboliza uma grande articulação entre os núcleos de agroecologia. Muitos ex-bolsistas do comboio passaram a fazer parte do projeto sistematização.

Cristiane: O segundo elemento é o II SNEA que só foi confirmado durante o IX CBA em Belém. Construir o seminário foi um desafio porque apesar da Rural ter uma importância na educação o grande envolvimento era no sentido dos estudantes para a instituição e da instituição para os estudantes. O envolvimento do colégio técnico foi importante para o próprio colégio. A banca do concurso para professor de agroecologia foi construído por parcerias no SNEA. O II SNEA foi modesto, 400 pessoas, 20 trabalhos. Durante o II SNEA houve ocupação da UFRRJ. Foi produzido um resumo para apresentação no X CBA sobre os cursos de agroecologia no Brasil.

Daniela – grupo AUÊ. O terceiro elemento trazido foi uma peneira de sementes simbolizando a diversidade de produtos resultado do projeto de sistematização. No CBA vamos nos articular para as ações preparatórias do ENA que será em BH. A peneira também simboliza a criação de novos NEAs (...).

Talene – resumo – cordel

Dinâmica – CUIDADO – A lenda da formiga e a embaúba

Trabalho em Grupo – Matriz de Sistematização



Grupo de discussão PROCESSOS EDUCATIVOS

Dia 09.09 – Sábado pela tarde (16h30 às 18h30)

Antena: Romier Souza e Relatoria: Luis Mauro

Participantes:

Flávio Duarte (ABA-NE) – PE; Marcelo Souza (IFRJ, Campus Pinheiral); Luis Mauro (UFPA/NEA Ajuri); Romier (IFPA, Campus Castanhal e NEA) – ABA-NO); Juliana (Embrapa-DF); Manuela (UFFS); Mariana (Univ. da República do Paraguai); Adriana Nea Cwatá – GO; Fernanda (PNAPO); Laila (MAPA); Naiara (Rio Pomba – MG); Marcelo (Movimento permacultura – UFSC); Eduardo (Nea cwatá – GO).

O antena lembrou todo o processo de construção da MATRIZ DE SISTEMATIZAÇÃO, processos anteriores com base em temas recorrentes que surgiram nos NEAs. Também foi apresentado o CADERNO DE APOIO à sistematização. Relembrando os temas transversais: 1) Ações e práticas; 2) Princípios; 3) Indissociabilidade; 4) Território; 5) Resultados e impactos; 6) Comunicação; 7) Cultura e; 8) Teorias e inspirações.

Debate e troca de impressões:

- Existe uma enorme diversidade entre os NEAs. Desde processos de criação, contexto territorial, motivações, ações etc. Um movimento importante tem sido as inovações e mudanças de dentro da Instituição para fora (junto a sociedade) e também no caminho inverso, com protagonismo de movimentos sociais do campo.

- Um grande desafio tem sido construir processos educativos que realmente motivem os jovens a ficarem no campo.

- Um NEA não se consolida sem ter como inspiração maior as realidades contidas nos territórios e as demandas sociais do campo.

- Outro grande desafio tem sido um processo efetivo de garantir a INDISSOCIABILIDADE entre as ações de Pesquisa, Ensino e Extensão. Os NEAs tem conseguido inovar em metodologias que se aproximam dessa perspectiva, mas sem quase nenhum apoio das instituições e Políticas Públicas.
- Temos clareza dos limites no METODOS de ensino que não motivam (ou provocam) os formadores a se aproximarem das realidades do território, se limitando muito no espaço de sala de aula. E para vencer tal obstáculo, importante investir em processos de formação continuada dos formadores.
- as experiências em NEAs que estão ancoradas em instituições Antigas (engessadas) são bem distintas e aparentemente mais complicadas, quando comparadas com os NEAs criados em Instituições recém-criadas ou novas.
- Preciso valorizar a educação popular e metodologias próximas destas, como: Pedagogia da alternância e pedagogia Griô.
- As experiências em Instituições que não estão pensadas em DEPARTAMENTOS (ex. Núcleos interdisciplinares) parecem ter mais liberdade criativa e reconhecimento.
- Nota-se muita dificuldade no acesso de EDITAIS de financiamento dos NEAs e ou ações correlatas, pois os próprios editais não permitem a INDISSOCIABILIDADE perseguida pelo movimento agroecológico.

Encaminhamento: Disponibilizar em tarjetas os elementos principais do debate e eleger três delas para a socialização em plenária.

TARJETAS:

- FORMAÇÃO CONTINUADA COM A AGROECOLOGIA COMO TEMA TRANSVERSAL.
- PEDAGOGIA GRIÔ.
- PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA
- INDISSOCIABILIDADE E-P-Ex E TERRITÓRIO.
- INDISSOCIABILIDADE NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS.
- COMUNICAR APRENDIZADOS QUE POSSAM REDIRECIONAR EDITAIS.
- DESAFIO: INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA
- PROCESSOS CONTINUADOS DE FORMAÇÃO DE FORMADORES.
- DIFICULDADES COM OS EDITAIS DE PESQUISA E EXTENSÃO (INDISSOCIABILIDADE).
- EDUCAÇÃO POPULAR COMO REFERÊNCIA MAIOR.
- PARTIR DAS REALIDADES DOS TERRITÓRIOS.

Grupo de discussão de metodologias participativas

Local: Capela

Facilitação: Cris UFRJ

Cris: Explicação da dinâmica

Uma rodada de falas com uma ideia a partir das metodologias participativas

Método acordado pelo grupo:

1º rodada: as bonitezas acerca das metodologias participativas

2º rodada: enfrentamentos sobre metodologias participativas na agroecologia

Domenica: As ações e práticas de construção da articulação das caravanas foram muito interessantes, além disso, ver os meninos e meninas vendo as oficinas construídas, levar o conhecimento agroecológico dentro da academia trazendo para a prática em uma linguagem popular, transformando o viver dos agricultores e agricultoras.

Emily Nepag: Podemos levar para o nosso cotidiano, levamos para a sala de aula

Willer Ecoa: A matriz foi de uma preciosidade enorme para o grupo, muito gratificante ver a matriz como conceito de útero, de força, escolher uma linha e todas se correlacionar. Indissociabilidade, a riqueza da produção textual.

Lucas de Bananeiras: Quando entrei na universidade eu entrei em contato pela metodologia do MST, e me aproximar desses conhecimentos, não há conhecimento maior ou menor, há o complemento. Sendo assim, há uma construção de igualdade, além disso, há uma ideia de humanização, inter-relação entre os sujeitos, humanização das trocas de saberes.

Tati Pará – Embrapa: A cumplicidade que gera entre os indivíduos, caráter popular e criativo, de unir comunidades.

Carol Vale do Mucuri: Relação de troca de saberes, sem nenhuma hierarquia dentro desses processos e dos conhecimentos.

Cajuí: Quando há o encontro, há movimentos de dominação, é preciso proteger os brotos e precisa podar os conhecimentos ruins.

Lea Contag: O meu grupo era parcerias, mas o que eu vi mais próximo foram as metodologias participativas. Dentro da minha vivência desses dois dias, no qual estamos todos reunidos, vários núcleos, e o que mais destaca é a questão da construção coletiva. Dentro desses momentos de tantas crises, conseguir construir tantas coisas unidos, mesmo com tantas diferenças, pois há algo que nos une, que é a luta pela construção popular.

Gleida GWAtÁ – Meu contato breve, portanto vim para esse grupo, eu destaco reconhecimento e valorização dos conhecimentos. Todo conhecimento é importante, dentro das metodologias a gente mais aprende do que ensina.

Thais: Respeito e sensibilidade

Juzera – Sul, coletivo agroecológico Lourenciano: Formamos na universidade o coletivo agroecológico FURG, mas vimos que dessa forma não conseguiríamos chegar na comunidade, e mudamos o nome, a partir disso, conseguimos entrar em contato com as comunidades, realizamos um ERGA-SE, e fizemos um evento com uma agricultora com plantas medicinais. Integração aluno e comunidade.

Gustavo: Estou aqui a partir da comunicação e da arte, para contribuição da causa.

Embrapa: Trabalhamos em um processo de formiguinha, onde discutimos junto com diversos produtos e parceiros, para fazer um trabalho coletivo. Hoje temos metodologias participativas, que quebramos processos, respeitando o conhecimento.

Ramón NIA: Quebra da hierarquia, conseguir encherger todas pessoas em todos patamares, e pessoas que pouco se expressam terem fala, construindo o conhecimento popular com a voz de todos

Cris UFRJ: Percebíamos que na pratica os agricultores demandavam de uma ATER mais dinâmica. Vimos que cartilha e folder não atendia mais a demanda, portanto começamos a criar vídeos para atingir mais os agricultores.

Rejane GWATÁ: Como as escolas estão trabalhando na perspectiva do campo. Vimos dificuldades, portanto os meninos iam até as escolas, preparar atividades acerca da agroecologia. Usamos a horta como instrumento pedagógico, usando a comunidade e os estudantes. Vamos construir um material pedagógico.

Cris: Cada pessoa irá colocar em uma palavra as bonitezas e os desafios

Willer: Comunicação ou indissociabilidade de ensino pesquisa e extensão

Tati: experiência em formações em geral.

Ana Clara: Continuidade dos processos no contexto

Carol: Novas Práticas

Léia: Fortalecer parcerias

Domenica: Sustentabilidade

Juzera: Gestão com autonomia estudantil.

Thais: Participação dos agricultores

Gleida: Desconstrução de paradigmas, como construir uma escola popular, sendo respeitada e com práticas que fogem dessas ideias.

Rejane: Mudanças, pois as escolas estão muito quadradas.

Lucas: Desconstrução do pensamento cartesiano e linear, quebra de paradigma. Através do diálogo, conversar com os professores para desconstruir essa ideia engessada de educação. Através de embasamento teórico como Paulo Freire, nos fortalecer no diálogo.

Raimundo Cajuí: Construir uma nova mentalidade, onde o cuidado, a escuta ativa, dialoguem.

Ramon: Compreensão e agregação de novas pessoas.

Sthephane: Diferenciar mais o conceito de saber e conhecimento, o saber científico e o saber do científico.

Cris: Escuta profunda, partindo que a metodologia participativa também pode ser agressiva, tendenciosa a partir do que o pesquisador já vai pensando no resultado. Ir em uma comunidade, realizar metodologias mas sair já com um conceito pronto. Escuta profunda é um desafio eterno.

Síntese coletiva: Willer iniciou um texto, deixando disponível para todos contribuírem com a sua perspectiva acerca do que foi produzido coletivamente.

Escrita coletiva:

Desde sempre a vida das pessoas com a natureza é ativa!

Desejo sorte e tudo que é bom, que a fé que nos move traga e leve vento bom.

Escutar a alma e entender a aridez da vida em dialética com a beleza! Amar ao próximo

A beleza da agroecologia é o povo que a constrói e acredita.

A distância entre você e a felicidade é a mesma que há entre você e a natureza.

Há quem pensa a natureza de forma conservativa

Willer: Durante a troca de saberes desse ano, a gente acolhe dentro dos espaços disponíveis da universidade. Chegou um grupo de dança de mulheres negras, e a professora sumiu durante o dia e surgiu que haveria a possibilidade de ser o ex marido que estava a ameaçando. Fiquei responsável por achá-la. Ela teve um problema com um irmão em outra cidade, e no dia seguinte ela ligou pedindo para buscá-la.

Tati: Eu estava visitando agricultores familiares que trabalhava com algodão, juntamente com uma colega. Outra foi que queríamos construir junto com o agricultor.

Carol: Fizemos uma caminhada transversal para caracterização do solo, um trabalho de etnopedologia do solo, o trabalho do Lucas, dá muito espaço para o agricultor falar, e depois de muito tempo lendo bibliografias, ele descobriu que um termo que os quilombolas utilizavam, era um termo científico. O pessoal dessa comunidade faz parte do grupo que participa do curso de agroecologia, e um agricultor que nunca tinha tido experiência de sair da comunidade, ele teve uma explosão de emoção na troca de saberes, passou mal, e depois conversando com ele, ele contou que ele estava relacionando todas as dificuldades com a vida dele, e que ficou extremamente emocionado. Portanto o curso está indo muito além do que imaginávamos, trazendo relações muito mais profundas. Estamos

Domenica: No NEPAG, fizemos um trabalho de experiência como as mulheres observavam o quintal que elas tinham, e fizemos o processo de tomada de consciência histórica, depois observando o que estava sendo feito atual. Fizemos um processo de valorização e formação sobre os quintais produtivos. Após um mês de mutirões agroecológicas, tem um depoimento muito interessante na qual uma senhora fez questão de levar no quintal dela para mostrar como ela estava produzindo e tinha uma parte que ela compartilhando com a vizinha

Rejane: Uma experiência muito importante para mim foi a cartografia na Amazônia, um morador foi expulso e tivemos que fazer um processo de retomada, a partir disso, vimos a importância de valorizar o território, criamos um mapa de delimitação das áreas, observamos quintais produtivos em áreas alagadas, produzimos 5 boletins de comunidades quilombolas no Jalapão, nesse processo aprendemos muito com essas comunidades, e essas comunidades começaram a reivindicar seus direitos. Eles produziam em roça de "esgoto".

Raimundo: Lá no Piauí, temos uma metodologia de finais de semana agroecológico, onde pega profissionais, professores e alunos para debater assuntos, estávamos em uma roda para discutir agroecologia, onde possuía profissionais e agricultores. A alimentação do fim de semana é feita pelo agricultor, e teve um caso de uma pessoa que ficou emocionada com o sabor do milho que foi oferecido. Hoje os pesquisadores entram em contato comigo para conversarmos sobre nossas experiências, e assim nós trocamos.

Ramón: Um momento que traz muitos valores que a gente destacou aqui, é quando estamos em espaços e fazemos uma roda para trocar, se olhar e se reconhecer, e acho que são momentos muito importante nesses espaços, e podemos conhecer quem está lutando pela mesma coisa que você.

Gleida: Minha experiências são iniciais. Trarei uma experiência que eu não estava presente no momento, fizemos uma caminhada transversal para reconhecimento da área que eles estavam

inseridos, caminhamos até a casa de um agricultor, observando a área, o solo degradado, as nascentes.

Stephano: Um dia de campo, no domingo, todo o sentimento, as trocas de saberes, os sentidos, pude ver o papel da prática, para podermos aprender e entrar nessa participação, não só narrativa, mas na prática.

Thais: Experiência na Bahia na qual

Cris: Ao discutir renda com quem produz e vive com quem produz isso meche muito, interfere diretamente. Quando a gente vai pro campo e tem que lidar com lideranças é muito importante ter cuidado, em uma família a mulher era mobilizadora, o rapaz pede pra mulher fazer o café, estávamos levantando todos os custos da propriedade, e ele percebeu que as contas a maioria o que pagava era o projeto, e que não era o dinheiro dele que mantinha a casa, e sim da mulher. E vimos a sustentabilidade do projeto

Em um PDA, um agricultor muito reconhecido na região pelo trabalho, a excursão científica era para acadêmicos, principalmente pós graduando, e estava os pesquisadores que trabalham com essa temática, e eles fizeram um discurso, e eles começaram a denominar os sistemas agroflorestais, e o agricultor fez questão de falar que só foi denominado, que antes de qualquer coisa já era o quintal dele, e que o avó dele já fazia parte, que agora ele só começou a valorizar e denominar melhor o quintal dele.

Lucimar: No mestrado da UFSCar de agroecologia, eu dou disciplina de sociologia, e os estudantes sentem dificuldade na teorização das metodologias participativas, e eles sentem falta de uma disciplina específica dentro dessa área. Precisamos para lutar para discussão sobre esse tema, e produzir trabalhos sobre esse tema.

Cris: O nosso texto abordou a construção coletiva.

Escolha das palavras: Escuta profunda e Mudanças

Grupo de discussão DIVERSIDADE E ETNICIDADES

Relatora: Georgiana

Data: 09/09/2017 (tarde)

Grupo: Diversidade/Etnicidades

Conduzido (Antena): Ruth

Apresentação dos membros da equipe:

Ruth (Nea-Capitão Poço UFPA): Trabalhos deste 2012, os agricultores foram até universidade e pediram ajuda para o cultivo devido à falta de água e a dificuldade do solo, iniciando assim o núcleo, que coincidiu com o aporte de recurso pelo lançamento do edital. Os trabalhos são desenvolvidos em GTs com dois em exercício: Produção vegetal e Gênero-ECOSOL;

Valorização da cultura e das tradições nos trabalhos mais muito interno no NEA

- Diversidade: Público: assentados, quilombolas, famílias de agricultores, agricultura urbana;

Dito que na diversidade/ etnia é quase nada. No entanto relata que nessa área o NEA precisa trabalhar mais, principalmente em relação aos indígenas, a questão do território e ao coletivo de vivências que vêm sofrendo golpes duros e que de uma forma muito tímida não estamos agindo.

A etnicidade ausente: Na região de capitão poço tem muitas tribos indígenas mas nunca trabalhamos diretamente e efetiva;

- A questão de gênero muito presente em cenário com apresenta o feminicídio; uma agricultura machista que precisa ser trabalhada, mas que o NEA já percebe alguns resultados com uma abertura mesmo lenta, mas que já está presente

- o retrato da sala de aula com uma visão do MST de repúdio ao movimento e nos impressiona de pessoas esclarecidas

Antônio (UNB): Aluno da licenciatura em Educação do Campo trabalha com a região de Planaltina, Cavalcante com quilombola, e outros assentamentos; grupo pequeno composto por 6 pessoas; é produtor orgânico e na sua proximidade existe um projeto do ISPN que trabalha com água e produção, participa dos multirões, seu interesse é uma estratégia de conhecer a diversidade, conhecer pessoas que trabalham com essa diversidade; já trabalhou com índios Yanomani e quer reconhecer a diversidade ecológica, ressalta as plantas que estão ali devido a presença dos povos indígenas e essa a importância, por isso quero estimular os grupos de planaltina, pois eles tem iniciativas mas sem um norte;

Lucas(IFGO): desde de 2010 acompanhou a criação do NEPPA, estamos em uma instituição centenária muito tradicional; trabalha com agricultura orgânica, depois com o edital chega os educadores, e começa a compreensão da diversidade, e um estágio de vivência em agroecologia que começa olhar sobre a diversidade/ etnicidade; a presença do sexo masculino, tem a presença machista, com o agronegócio presente. Tem-se turmas com indígenas (30 alunos – da tribo dos Xavante); possui uma preocupação com a centropia comercial e acaba perdendo as tradições como por exemplo a semente crioula.

Taline (CAJUI): Inicialmente nossas ações eram com os estudantes (era um grupo de estudo), depois com a criação do núcleo houve mais contato com os agricultores, onde estes estão na fase de transição, com sistemas agroflorestais; trabalham também com o feminismo

Daniela (UFSC): Diretora da ABA nesta gestão; a matriz está sendo esforço dos parceiros e da ABA através do mapeamento das ações dos núcleos; no projeto de sistematização foi um tema com muita riqueza devido a presença da diversidade cultural, regional, social e suas especificidades; sendo um tema transversal e complexo, porque perpassa pelos demais temas; na última reunião da ABA esse tema foi demonstrado como o que tinha menos elemento devido sua transversalidade; Etnicidade e identidade; Eixo como movimento de ciência-prática como eixo forte para discussão no estado do Goiás

Fernanda (Urbelândia): Nea recente com apenas 1 ano; o trabalho foi iniciado com os estudantes e agora já tem 2 agricultores; a maior parte dos integrantes são do ensino médio; faz parte do NEABI com trabalhos de levantamento de alto declaração do campus; a biodiversidade é resultado da diversidade; a presença do preconceito no campus (homofobia, discriminação racial); exemplo dado da forma que como a parceria para suprir a falta de fomento; ausência de autodeclarados na escola, falta de identidade;

Felipe (NEA trilhas): NEA sistematizado pela ABA e o tema foi a indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão; seu trabalho inicial foi com os índios, conhecendo os indígenas em todo o Brasil, os quilombolas da Bahia (Amélia Rodrigues) que era uma usina de açúcar com a falência houve a expulsão das comunidades, ficando apenas esse quilombo que o núcleo trabalha; sempre aprendeu a olhar a diversidade com olhar diferente, com destaque ao exercício mais difícil que é de se despir das suas visões e dos seus conceitos para poder enxergar o olhar do outro; o não querer mudar a realidade dos outros citando a comunidade do raso do pancararé; as pessoas chegam nas comunidades tradicionais querendo mudar e isso deve ser visto com muito cuidado; Parceira entre a AEBDA (UEPA), a transformação do centro de agroecologia, sendo uma dificuldade de suprir a falta de fomento neste momento, sendo a parceira o caminho; a inversão

da lógica trazendo os agricultores para dentro do centro e hoje tem-se o agricultor experimentador; os depoimentos dos agricultores são volta dos saberes ancestrais dos seus familiares contra o modelo de agricultura da Bahia; o exemplo do agricultor que realiza p manejo plantio de coqueiro e a produção é vendida para o agricultor; parceiras com ONGs, comunidades tradicionais; a contradição de ser quilombola e não são descendentes de escravos, devido uma formação errônea trazida pelas buscas de créditos e outras políticas públicas distorcidas, que é realizada sem um resgaste, onde os povos não tem autonomia;

Cristiano (UFGO): sua vinda ao grupo (Diversidade/etnicidade) foi para aprender; não participa diretamente de um grupo de agroecologia; agroecologia vinda da dimensão cultural e não do técnico; sendo uma estratégia do núcleo a vinda de seus parceiros; normalmente seus trabalhos trazem temas transversais e adentro a agroecologia ex: Direitos pelos territórios e aí entra a agroecologia; sendo a diversidade uma bandeira forte dentro do contexto do agronegócio no Goiás, sendo um contraponto a esse modelo hegemônico; os núcleos vão avançar sem os editais de fomento e as parcerias pode ser um lance para sua continuidade

Relação aos parceiros: o engajamento dos núcleos com os movimentos sociais e as universidades; com organizações locais; se dar pelo lado cultural com o envolvimento dos sindicatos, assentamentos;

Machado (agricultor): produtos orgânicos dando um exemplo dentro da minha comunidade; representa o NEA como agricultor, pois sabe plantar como seus ancestrais e sem veneno; foi buscar conhecimento fora e agora trabalha sem veneno, sua família foi vítima do veneno, criou 8 filhos através dessa mudança e quer saúde para seus filhos; faz parte de uma associação que representa seus pares; pediu apoio político para os vereadores e não houve essa ajuda; sua identidade como agricultor é muito forte e marcante, sou agricultor e vivo tranquilo, com melhoria de sua saúde 80% depois que parou de usar veneno; seu pai sempre foi agricultor de roça e hoje é seu espelho; seu sitio já abrigou caravanas agroecológicas; fez investimentos com credito do banco com sua ideia investi-o R\$ 10.000 fez a roça e outra no terreno se tornou um SAFs, tendo mais de 1000 espécies de plantas em seu quintal; sou um espelho para vocês; pois acredito nesse projeto; pois temos fé porque nós estamos unidos; meus pares me chama de doidos, fez curso de biofertilizantes, adubação orgânica, adubação verde, fez um coletivo de agricultores com 10 agricultores; apelido Machado orgânico doido; com defesa de seus direitos em todos os espaços; possui CAR e DAP para acesso a credito dos agricultores;

Georgiana (NEA-São Luis): Comunidades tradicionais e a diversidade gerada pela biodiversidade local; territórios com seus agricultores experimentadores; as parceiras com seus atores ONGs, Universidades.

Lições aprendidas

- Agricultores experimentadores
- Identidade
- Forma de trabalhar com a diversidade/etnicidade
- Preconceito
- Olhar sobre particularidades de cada povo e de cada ambiente (biodiversidade)
- Origem da biodiversidade
- Papel dos NEAs em valorizar os saberes locais
- Gênero como desafio

Forma de apresentação na plenária: Cordel construído com as lições e criado pela Tailane (PI)

Grupo de discussão JUVENTUDES

Relatora: Erica Monteiro

Data: 09/09/2017 (tarde)

Contato: 15 98803-6413/ monteirosilva.ERICA@gmail.com

Momento: MATRIZ DE SISTEMATIZAÇÃO

Abertura

Larissa (NIA-RJ) iniciou as falas, explicando que se procurada no dicionário, a palavra "matriz" vem de útero.

Neste momento, cada pessoa juntou-se com o grupo referente ao eixo da Matriz que escolheu no momento de credenciamento no evento e discutir como este eixo se desenvolve dentro de seu NEA. No dia seguinte (10/09) esta conversa será socializada. O grupo tem a tarefa de elencar pontos importantes, nesta conversa inicial. A apresentação pode se dar da maneira como o grupo escolher (maneiras interativas). É importante pensar em que podemos tirar como lição/aprendizado, considerando que todos já estiveram em contato com a Matriz. Deve-se também não pensar apenas em coisas boas, mas outros pontos também, como denúncia, por exemplo.

Antenas para cada eixo:

- Juventude: Gil e Albertina
- Diversidades: Ruth
- Gênero: Sarah
- Saúde: Deco
- Políticas Públicas: Irene
- Agrobiodiversidade: Grazi
- Processos Educativos: Romie
- Metodologias Participativas: Cris
- Atores/ Equipes/Parceiros: Dani

Eixo: JUVENTUDE

Pessoas presentes e seus núcleos: Danúbia (Rede de Intercâmbios e parceira do AUÊ!), Erick (Assentamento em Goiás), Albertina, Alexandre, Giuseppe, Dani (NEA AUÊ! - MG), Lucas (NEA Agrofamiliar – PE), Erica (NEA Apetê-Caapuã – SP), Makeda (REGA).

A discussão iniciou com os representantes dos Núcleos falando sobre suas experiências com a temática em questão (Juventude).

Foi levantado, como consenso, que o jovem precisa de voz, mas também dinheiro. Além disso, se escuta muito que jovem não quer nada com a vida, mas é importante analisar em qual contexto se encontra esse jovem.

No caso do AUÊ!, o NEA é muito jovem e está em um contexto onde não há nenhum curso de agronomia entre os membros, mas uma diversidade de outros cursos (Biologia, arquitetura...). Tudo que é concretizado no NEA, se dá pelos jovens. Essa é a cara do NEA.

É necessário que as juventudes interajam. Para algumas questões, se a juventude não se une, pode parecer que ela (a questão) não existe. Um dos desafios é perceber que o tema é transversal, que se não é trabalhado fica um tema superficial.

O jovem do campo hoje, será o agricultor familiar no futuro. Mas os movimentos sociais não dão a devida atenção a juventude. Precisa-se trabalhar mais essa temática dentro dos movimentos.

Trabalham com educação popular para promover a emancipação, e para isso não há receita. Na agroecologia, a transformação da matriz tecnológica (uso dos recursos naturais) não tem ligação com o jovem. A demanda da juventude é diferente: cultura, lazer, etc. Temos que deixar de pensar que o jovem camponês está ligado apenas ao processo produtivo, tecnológico, técnico...também há demanda por cultura e outras temáticas.

A maneira como chega para o jovem a caracterização do camponês, afasta o mesmo do campo. O processo de distanciamento do campo se dá em diversos espaços, na própria escola, por exemplo. A partir da participação de uma jovem de algumas oficinas, uma jovem conseguiu enxergar o trabalho que os pais tinham no campo.

Uma ideia que apareceu com frequência na discussão foi a importância do intercâmbio como ferramenta essencial para o jovem saber o que o outro jovem está fazendo. Além disso, isso permite que as lutas possam se unir.

Um problema dos trabalhos com os jovens é querer fixar o indivíduo no campo, sem dar nenhuma perspectiva de cultura ou outras relações que o jovem pode estabelecer em outros espaços.

Erick – jovem de um assentamento de Goiás e coordenador do grupo de jovens que trabalha com horta no assentamento –, apontou que "alguns jovens não gostam da ideia de trabalhar com a horta e tem uma visão ruim sobre plantar (fazem chacota de quem trabalha o com isso). No assentamento alguns membros trabalham na cidade e outros no campo, mas ainda não trabalham com agroecologia.

Danúbia: Na agroecologia a questão financeira não deve ser a principal, mas é difícil de se trabalhar isso com os adultos e jovens.

É difícil acreditar que projetos de jovens vai dar certo, porque na cidade isso é difícil. Então é importante dar visibilidade para projetos de jovens que estão dando certo.

Albertina: Foi muito bom perceber como os processos são cíclicos. O processo de sistematização colaborou bastante para isso, além da importância para juntar a diversidade de juventudes.

Em uma das culturais realizadas por um projeto do NEA, percebeu-se que não dava para agradá-los nem nas atividades culturais, porque eles não gostavam das atividades propostas. Ficou decidido, portanto, que serão eles a decidirem quais serão as culturais.

Danúbia falou sobre aderir a outras vertentes para se aproximar do jovem.

-Alexandre: No NEA, alguns estudantes trazem uma carga muito maior do urbano. Então se não começa devagar a relação com as pessoas do campo, não se ganha a confiança dos mesmos, por serem muito conservadores.

- Giuseppe: O "chegar" é muito importante...não deixar de fazer, mas saber como chegar aos poucos. Tomar cuidado com o que fala, faz.

- Danúbia: Uma coisa é estar em um espaço como militante e outra como educador. Quando se é educador/a é o que você constrói junto ao educando e o que isso soma na vida dele. Quando se está trabalhando com movimentos sociais é difícil explicar a diferença entre educador e militante.

TARJETAS

Intercâmbio - como processo educativo

Diversidades culturais das juventudes

Emancipação técnica, econômica, política, cultural

Ampliar a abordagem do "campo agroecológico" para juventudes nas cidades.

Visibilização das experiências

Considerar a diversidade/o"s" juventudes

Educação contextualizada

Proporcionar a dimensão política da juventude

Valorização dos processos educativos em espaços não-formais

Intercâmbio com as identidades menos valorizadas

Cuidados e reconhecimento de cada vez mais diversidades

Responsabilidade da juventude

Agricultura da juventude

Espaços culturais

Intercâmbios

– troca de experiências entre as diversidades – processos educativos

Conexões entre as juventudes

Ampliar a abordagem do "campo agroecológico" para juventudes nas cidades

Agri cultura das juventudes

Protagonismo da juventude

Dar voz, autonomia e dinheiro

Considerar outras dimensões para além da técnica produtiva

O que o campo oferece a juventude?

Cuidados e reconhecimento de cada vez mais diversidades.

3 ideias principais (tarjetas):

1. Potencializar intercâmbios que assegurem a visibilidade das diversidades culturais das juventudes.

2. Favorecer processos de autonomia para as dimensões econômica, política e cultural das juventudes, para além da produção técnica. (se esse processo contempla só a parte técnica, cria um indivíduo incapaz de ser autônomo)
3. Reconhecer o potencial transformador do engajamento das juventudes na agroecologia em diferentes contextos rurais e urbanos, escolares e não-escolares.

Grupo de discussão GÊNERO

1. Identificação

Ana Cláudia Rauber

E-mail: acr_rauber@yahoo.com.br

Telefone: (42) 991492271

Início: 16:15 - Término: 18:30

Sarah MMM fez uma breve apresentação da forma de organização das atividades:

-discussão de questões de gênero, organização por tarjetas, pensar de forma avaliativa o que cada núcleo desenvolveu no âmbito de gênero.

As avaliações foram expostas em forma de desafios e avanços/aprendizados:

A) DESAFIOS:

LETÍCIA:

-coloca que é um tema de mulher, que só é discutido por mulheres, mas deve ser incorporado por todas as pessoas. É um problema de diálogo? Por que os homens não estão presentes nas discussões? Esse deve ser um eixo norteador.

ANA MARIA:

-isso só será mudado através da educação dos pequenos.

ALEXANDRA:

-tem que ter muita resistência.

-violência institucional dentro da universidade

MARIA DO CÉU:

-quando as mulheres agricultoras saem de casa para participar de encontros e reuniões, há um embate, pois o homem reclama que deixa o serviço de lado.

-Resistência dos homens a palavra feminismo, porém o feminismo quer trabalhar com a igualdade,

-As mulheres jovens sofrem muito, não tem espaço para cultivar e fazer agroecologia nas unidades produtivas

-Tem que desconstruir a ideia do trabalho doméstico ser apenas feminino

-Mulheres sofrem com a baixa estima

ELBA:

-enfrenta marido e filhos preconceituosos, vai na roça, trabalha sozinha

LETÍCIA:

-GT de gênero da ABA tinha, desfez, refez. Aonde estavam as mulheres no processo da construção da Agroecologia?

-Hoje ABA discussão qual o papel do GT? Qual o caminho a seguir? Como o feminismo e agroecologia contribui para o fortalecimento das mulheres?

-No CBA participar de outras mesas para debater as questões feministas.

-Tem violência em todos os lugares e de todas as formas

VIVIAN:

-é preciso discutir sobre o que é feminismo, quais são os feminismos? De qual feminismo está de falando? É o feminismo: bem viver

-Algumas questões ainda não estão sendo discutidas (conceituação, definição)

Lu:

-desconsiderando a fala do outro, que é também uma forma de violência. O problema na Amazônia; distância na, falta de recurso; gostaria de colocar a economia feminista em um núcleo.

Beatriz:

-Mulheres do MAB – busca de auto organização

-é preciso segurança das mulheres em falar, em se colocar,

SARAH:

-entender os conceitos de

Gênero: relações entre homens e mulheres

Feminismo ou feminismos?

Várias identidades de gênero/sexualidades

Francine:

O tema de gênero não é discutido no núcleo

Virginia:

NAC: não se trabalhou com gênero, porém o tema foi sendo abordado ao longo do tempo

-violência simbólica por parte de homens

-dificuldade em se trabalhar com feminismo

Maria do céu:

-comunicação: campanha da violência contra as mulheres, foi criado um grupo trabalhando nos casos de violência. A marcha trouxe uma peça de teatro 2017 "A cultura do estupro"

Francyne:

-muita violência de meninas de ensino médio sofrida pelos professores

Ivanise (Núcleo do Paraíba)

-não trabalham com gênero e feminismo ação da comunidade quilombo, trabalhar mais efetivamente com a questão de gênero

Larissa (UFRJ, coletivo de mulheres, movimento me avisa quando chegar):

-num seminário sobre agroecologia e políticas públicas só tinha homens brancos falando de direitos de mulheres, apenas homens nas mesas redondas. AS mulheres não tem o mesmo poder

AVANÇOS:

Alexandra : Núcleo de Agroecologia e Economia Feminista no Instituto Federal de São Paulo, onde participam homens e mulheres.

Vivian: Com as parcerias da marcha de mulheres, mulheres negras, ajuda a aliviar os embates

Elba MST coordenadora do grupo de mulheres:

-cada setor é uma mulher e um homem

-os homens participam do grupo de mulheres

LETICIA:

-Hoje já tem muitos trabalhos para o próximo congresso. Núcleos grande parte da bolsistas são mulheres, empoderar desde a perspectiva do feminismo
-É um tema que está por todo mundo: sem feminismo não há agroecologia

Virginia:

-Módulo num curso de especialização em Agroecologia e soberania alimentar, teve o módulo sobre as mulheres
-Faz também a discussão na extensão rural
Seminário entre parcerias
-do primeiro CBA até agora mais mulheres participando na diretoria da aba, nas mesas,

Aprendizados:

Sarah: GT de mulheres da ANA, GT de gênero debate sobre as mulheres rurais e sua contribuição para a Agroecologia, sem muitos homens também, porém estavam para criticar.
Discutir opressão de mulheres é uma questão de que interessa as mulheres.
O movimento feminista tem a função de desenvolver estratégias para ajudar as mulheres. Espaço para a auto organização de mulheres

Maria do céu (Pólo de Borborema, marcha de mulheres)

Hoje já se tem discussão sobre o papel das mulheres na agricultura, a partir da educação em casa tem que ser discutido.

LETÍCIA:

-é importante fazer parceria, mesmo que estejamos sozinhas estamos junto trabalhando no coletivo.
-As mulheres conseguiram acessar as políticas públicas, vender seus produtos na feira, as mulheres estão discutindo a criação. As mulheres só se socialização quando tem mulheres, por um lado por isso que é bom ter espaço só de mulheres
-como trabalhar gênero com as crianças? Junto temos deveres e direitos – direitos iguais. Montam um painel com direitos e deveres para conscientização

Sarah:

É preciso ter muito claro que todos os espaços são espaços de mulher, todos os assuntos podem ser discutidos pelas mulheres: tecnologia, economia, tecnologia de informação, internet, acesso à terra tudo é assunto de mulher a partir da perspectiva feminista todos os temas podem ser abordados.
É muito importante ter espaços de agroecologia, espaços de discussão das mulheres, espaços de discussão com todos;
É preciso ter espaços, criar alianças, fazer políticas.

Avanços:

-Incorporação do Tema "Sem Feminismo não há Agroecologia" nos espaços da universidade, da ABA,
-A matriz pode ajudar a visualizar o que se tem feito e o **não se faz**, do trabalho em gênero
-fortalecimento através das parcerias

Dia 10/09 - RETOMADA DA CONVERSA DO DIA ANTERIOR

DESAFIO:

-Como trabalhar com o machismo nas instituições?
-Machismo entre diferentes níveis entre professores, professoras, professores estudantes. Lutar contra o machismo institucional que está presente em todas as instâncias.

MONTAGEM DA APRESENTAÇÃO TEATRAL

Alexandra: dificuldades em trabalhar gênero na universidade

Vivian: violência institucional e racista

Pequena: o nea trabalha com uma comunidade quilombola

Céu: parceria, espaços de auto organização das mulheres

Grupo de discussão de Políticas Públicas

Uma discussão sobre os conceitos de políticas públicas, política de estado e política de governo.

Maria Luiza – Ministério da Educação

Política de Estado – quando o estado se apropriou dos mecanismos e vai além de uma política de governo versus Política de Governo – políticas que tem começo e fim na proposta de um governo.

Política pública – é qualquer ação do Estado – política e programa – para acontecer é preciso que se tenham recursos definidos.

André – NUPEAS/UFAM: Pensar os NEAs como espaço de resistência a prática agrícola nas escolas. Pensando na construção de políticas públicas para o meio rural, entendo que o agronegócio tem uma grande fragilidade para a produção de alimentos. Essa fragilidade decorre da falta de atenção as questões ambientais. Criar uma demanda efetiva para que a questão sobre os recursos naturais entre na pauta das escolas de agrárias.

Gabriel - BH Grupo Auê : Sobre as diferente escalas de ação das políticas públicas. Percebemos que em nível municipal não existem políticas para a região metropolitana. As políticas invisibilizam a agricultura nos espaços metropolitanos. Além de criar demanda para políticas públicas para a área metropolitana deve-se pensar a relação entre as políticas no âmbito dos planos diretores. Para tanto os agricultores deveriam participar desses processos.

Cleyton – Assentamento Joselino Nunes – GO

Muito romantismo. Existem muitas PP para os assentamentos, mas os assentados não conseguem acessar. E quando acessam ocorrem vários problemas. Muitas vezes os técnicos que atuam não conseguem entender as demandas.

Keyle – NEA Palmas – TO: O NEA foi criado a partir do NEDET. Outro diálogo foi com a PNATER e com o PAA. O que ficou de lição – acredita-se ainda que a agroecologia seja uma política pública. Dentro da própria Universidade não se considera agroecologia como política pública.

Thomas – UNB: Estamos começando um NEA agora. Isso coincide com ZEE. A secretaria chamou os grupos que trabalham com agroecologia para definir áreas prioritárias para desenvolver agroecologia. Onde tem áreas com contaminação, com conflitos, etc. Agora com o NEA vamos tentar definir zonas de prioridade. O DF tem um problema sério de oferta de água, pior até do que estados do nordeste. A agroecologia pode ser uma saída potencial para amenizar esse problema. É preciso conectar isso também com os mercados.

Murilo – UEG: Percebemos nos relatos que tivemos avanços nas políticas para a agroecologia, mas também o problema com esse governo (desmonte de várias políticas). O projeto de sistematização deixou todos alertas quando a formação política. Sobre o PRONERA fomos descuidados com essa linha de ação porque está finalizando uma etapa e sem recursos para continuidade. O primeiro ensinamento é atentar para a formação política no âmbito das políticas

de fortalecimento da agroecologia. Outra coisa que precisamos aumentar a vigilância é em relação a políticas públicas locais. Precisamos fortalecer as PP.

Edmar – Epamig: Pensar em PP temos que pensar em “direitos”. Lutar por direito é uma necessidade. Quando se torna direito o estado tem por obrigação viabilizar o direito. Cumpre ai a exigibilidade do direito, mas com o judiciário que temos a demora é grande. Exemplo – Lei de segurança alimentar e nutricional (SAN). Uma questão séria é que essa judicialização implica uma. No caso da Agroecologia não podemos garantir porque não é uma política pública, trata-se de um decreto de um governo e que qualquer outro governo derruba. Uma coisa boa que os NEAs trazem é a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão.

Ana Claudia – UFAM: Os NEAs usaram de todas as possibilidades metodológicas possíveis. No entanto o grande entrave atual é o isolamento dos NEAs nas áreas as . Não existem políticas públicas nesses espaços. No encontro dos NEAs se falou sobre a necessidade de se definir espaço para os NEAs nas instituições, mas não se efetivou nada. Outra questão foi sobre o atrelamento das chamadas públicas de ATER aos NEAs, mas isso não se efetivou. Na situação atual a situação se complica porque foram dados muitos passos para tras. Trabalhamos com assentados da reforma agraria que não tem suas áreas regularizadas e não tem políticas públicas de saúde, educação e ATER. Como vamos ajudar uma associação que para apresentar projetos tem que associados com DAP e não tem instituições que emitam a DAP.

Paulo – sul da Bahia: Na situação local do extremo sul da Bahia, em situação que tem até 80% do território com eucalipto. Discutir PP sem falar de reforma agrária é delicado. Daí a importância de pensar o território. Uma estratégia possível é pensar em assentamentos agroecológicos. Na realidade dos assentamentos a precariedade é grande. As adversidades estão sendo superadas por meio das ações do movimento. Como devemos nos unir com os movimentos sociais no intuito de pressionar ...

Wilson: Muitas políticas surgem de demandas dos movimentos sociais. Durante o governo popular houve cooptação e a pressão amenizou sobre o governo. No nível das Universidades isso também aconteceu. Nós trabalhamos muito nos NEAs, com uso muito efetivo com esses recursos, mas ao final nos questionamos qual o avanço que a gente teve. O Pronaf, por exemplo, em muitos casos não se conseguiu avanços. A questão é que uma política isolada não resolve o problema. A organicidade dos NEAs é uma oportunidade para mobilizar estudantes, agricultores e organizações para fazer pressão sobre o governo. Na nossa experiências o NEDET conseguiu um bom nível de articulação com os diferentes atores sociais do território. É preciso atenção a SINATER. O dinheiro existe e é de mais fácil gestão. O governo está repassando dinheiro para suas bases por meio da SINATER.

Irene: Temos que nos preocupar com as três questões que devemos levantar. Algumas lições: uma primeira coisa é que a política de NEA empoderou grupos dentro das instituições (...), ou seja, apoio a resistência; a segunda, o projeto de sistematização foi um espaço que deixou os NEAs em alerta, o que não aconteceu com outras políticas; a terceira é que os NEAs fortaleceu a estratégia de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. No entanto, não vamos avançar se as políticas estruturantes não avançarem. Daí que para fortalecer as políticas estruturantes precisamos mais que nunca da articulação com os movimentos sociais. Isso é que vai garantir que passemos de uma política de governo se passe a política de estado. Conseguimos fazer mais que o que nos comprometemos porque contamos com as parcerias. Apesar de acreditar que PNATER seja importante, mas não considero que ela seja suficiente para promover a agroecologia. Para ampliar a agroecologia é preciso que o número de pessoas fazendo agroecologia aumente muito e não aumentar a agroecologia com pouca gente fazendo.

João Amorim – Serra Talhada: De 200 docentes da universidade temos 6 no NEA. É a pedagogia da resistência em funcionamento. Criado em 2010, desde de 2015 não tem mais projeto, mas trabalhamos sempre na perspectiva territorial. No território são 20 gestores que não tem nenhum

interesse em atuar na agroecologia. A federação dos trabalhadores estão demandando crédito fundiário enquanto na universidade propõe a reforma agrária. Os jovens estudantes das Universidade do território não conhecem agroecologia e nem a maioria das políticas públicas. Dos 9 cursos da universidade, apenas um curso, o de agronomia, tem uma disciplina de agroecologia.

Jéssica – SEAD: A PP é uma disputa constante dentro do governo. O que sempre esteve na agenda e que agora ganhou força foi o agronegócio. Ganha força também a ideia de que não faz sentido 2 ministérios. A SEAD pode se transformar em coisa menor ainda. Temos que discutir a linguagem e as armas que vamos usar para fortalecimento. Estamos em um processo de restrição total dos recursos e dos quadros dentro do governo (Redução das equipes). Temos que agarrar as políticas que ainda restaram. Exemplo, o ECOFORTE está aberto.

André – NUPEAS/UFAM: Adotar um comportamento mais combativo contra as práticas do agronegócio deletérias do meio ambiente. Estamos com uma postura passiva diante do paradigma posto pelo agronegócio. Não estamos conseguindo fazer uma desconstrução dessa dinâmica. Como fazer ações mais agressivas em relação as estratégias do agronegócio?

Gabriel - Em geral, as PP estão muito preocupadas com as metas e não com os processos que podem levar a produtos eficientes. A PP deve para além da meta promover o empoderamento dos agricultores e das instituições.

Paulo Petersen Uma primeira coisa que temos que atentar ao processo em curso de descrença na política e nos políticos. Uma primeira coisa é pensar que a política é uma necessidade para regular a vida em sociedade. Os NEAs são oportunidade de pensar criticamente sobre esses processos. A atuação dos NEAs é crítica, portanto, é política. Os NEAs são as fogueirinhas que a Irene se referiu. Outra coisa é saber que PP não é exclusividade do estado. Os NEAs quando se articulam com os agricultores e movimentos sociais estão fazendo PP porque estão atuando em favor ...Independente do contexto do que vem pela frente é importante manter os NEAs em funcionamento porque é um grande potencial de atuar em PP. O direito é um elemento importante, mas o reconhecimento também. Outra dimensão que devemos atentar é a dimensão territorial da agroecologia. Não existe agroecologia no geral, ela se concretiza no local, no território. É no espaço do território que a PP se materializa e para isso a mobilização e articulação dos atores do território seja alavancado.

O X CBA vai acontecer num momento muito difícil da construção da agroecologia. A agroecologia já se institucionalizou no mundo desde 2008. Existe um risco grande hoje pelo fato de que se abre a possibilidade do uso pelas grandes corporações. Se a gente aceitar que existe um mundo agroecológico e outro não agroecológico baseado apenas num selo tecnológico é um grande risco. Há sinais de que o estado exija uma certificação dos agricultores agroecológico. Está em debate também a perspectiva de se considerar/classificar os agricultores em transição. É necessário criar mecanismos para implementação das PP públicas que não amarre em regras que fomentem um processo de fortalecimento das corporações. No estágio atual de construção da agroecologia temos uma rede muito grande que está em risco com o governo que ai está. Com ou sem PP devemos pensar como fortalecer as redes que foram criadas nesses últimos anos.

ECOFORTE - A ideia é fortalecer o que já existe. Rede de multiatores atuando nos territórios. Porque as Universidades não podem ser proponentes? É para que os proponentes sejam representantes das redes. Os NEAs devem atuar nos processos de sistematização e de mobilização.

Irene

- O que fazer para que as PP se enraízem nos territórios?
- Os Editais reconheceram os NEAs.
- Os NEAs devem estar nas instituições, mas olhando para os territórios (Conceito de Rede)
- Como pensar em pesquisa em rede (envolvendo os NEAs)?

- Temos que pensar estratégias que não sejam necessariamente a mudança dos currículos
- Avançar nas parcerias com os movimentos sociais

Ana Claudia: Mudança na grade curricular dos cursos. Pesquisa em rede – a ideia era articular agricultores, pesquisadores e outros autores para discutir as ações do agronegócio na região.

João Amorim: Enquanto rede, devemos pesquisar as matrizes curriculares dos cursos de ciências agrárias.

Irene - Fala de três componentes:

- A política favoreceu a visibilidade dos grupos que existiam nas instituições atuando na perspectiva agroecológica e em diálogo com os territórios (Grupos pré-existentes);
- As políticas estruturantes são fundamentais para garantir avanços nas políticas de fortalecimento da agroecologia;
- O projeto de sistematização permitiu criar espaços de politização, sistematização, reflexões coletivas e vigília.

Ensinos:

- Apesar dos avanços dos NEAs é preciso que existam políticas estruturantes
- É possível avançar

Diogo: Os editais permitiram a institucionalização dos NEAs nas instituições. Muitos grupos consolidaram ações que já estavam em andamento nos territórios.

Edmar: Os editais não são políticas públicas. A política é o financiamento da pesquisa.

Paulo Petersen: Importante reforçar que a política dos Núcleos reconheceu os grupos existentes, a forma de passar recursos para pesquisa e repassar os recursos por meios de uma institucionalidade existente. Isso promove empoderamento dos NEAs.

Gabriel: Os NEAs podem ajudar no reconhecimento das ações territoriais e ser também um espaço de construção de novas demandas.

Paulo do NEA: Se pensarmos nos últimos 20 anos o cenário era de ascensão das políticas, mas no último ano a perda foi muito grande.

Irene: Isso é importante dizer que algumas políticas como Luz para Todos, PAA, PNAE e outras políticas estruturantes garantiram avanços em comunidades. É importante que se diga isso para não despolitizar o debate.

Wilson: Os NEAs foram dinamizadores de redes. Em algumas regiões as dificuldades foram maiores talvez pelo fato de não existirem (ou de as dificuldades maiores) redes mais estruturadas em alguns territórios.

Formulação das três questões

- A política favoreceu a visibilidade dos grupos que existiam nas instituições atuando na perspectiva agroecológica e em diálogo com os territórios (Grupos pré-existentes);
- As políticas estruturantes são fundamentais para garantir avanços nas políticas de fortalecimento da agroecologia;
- O projeto de sistematização permitiu criar espaços de politização, sistematização, reflexões coletivas e vigília.

Outras questões:

- Não devemos apoiar que as políticas definam o que é e o que não é agricultor agroecológico;
- Os NEAs devem incluir em suas pautas de debates o tema das políticas públicas
- Os NEAs devem articular os grupos para participação no ENA em 2018
- Quais produtos levar para alimentar o povo na praça durante o ENA
- Tentar influenciar as fundações estaduais para criar editais para apoio aos NEAs (Em minas já tem um modelo com a FAPEMIG – Irene ficou de socializar)
- Quem tiver contatos em nível internacional que possa abrir canais para apoio aos NEAs

Paulo: 80% do PNAPO é para o PRONAF Agroecologia. Quase nada foi liberado. O PRONAF é uma política funcional para as commodities. 80% dos recursos são destinados a soja e milho. A cada ano o governo divulga aumento de recursos para o PRONAF e diz que é apoio a agricultura familiar.

Os NEAs é uma prova de que é possível fazer muita coisa com pouco recursos. Nessa perspectiva, o corte de recursos para os NEAs é político. Se tem tanto recurso para alocar na equalização de juros do PRONAF porque não se tem para apoiar os NEAs. O argumento do governo de que não tem dinheiro não pode ser aceito. Devemos inserir na carta do CBA o apoio aos NEAs. Essa foi a inovação mais eficiente nos últimos anos. Se tivermos que apontar a fonte do recurso para aporte de recurso podemos sugerir o rebote do PRONAF.

Irene: Temos uma demanda atual de 450 NEAs no Brasil. Isso significa um aporte de recursos entorno de 30 milhões.

Eixo: Políticas Públicas

- Como as políticas chegam e como os núcleos põem contribuir? Identificar agricultores para acessar a P.P.
- Políticas estruturantes que contribuem para o avanço da agroecologia. Pronaf – Luz para todos – PNATER – PAA – PNAE.
- P.P. visibilidade dos grupos existentes e institucionalização dos NEAs

Grupo de discussão AGROBIODIVERSIDADE

Relatora: Luã

Dia e horário: 09/09/2017 (tarde)

Informes iniciais

Grazzi: Coordenação Coletiva. Todos juntos para construir. A matriz vai ser sistematizada no chão. O nosso tema é a agrobiodiversidade. Como eixos, as ações e práticas, princípios, a indissociabilidade, territórios, resultados, comunicação, cultura, teorias e inspiração. É importante que a gente vincule com o projeto de sistematização da ABA. Quais as lições aprendidas?

---O objeto é ver o que aprendemos com a agrobiodiversidade---

---Foram apresentadas as perguntas geradoras para o tema da agrobiodiversidade---

Eixos Transversais da Matriz

- Ações e práticas
- Princípios
- Indissociabilidade
- Territórios
- Resultados
- Comunicação
- Teorias e inspiração

Sobre a Indissociabilidade

Como é o olhar de um pedagogo, de um biólogo dentro da agrobiodiversidade, não é só questão de ensino, mas extensão e pesquisa. Essas práticas tem relação com a transdisciplinariedade

Não se encontra apenas áreas da agronomia ou da sociologia

Como ocorre esse diálogo nas diversas áreas do conhecimento? A Universidade tem o papel de trabalhar com a indissociabilidade na relação de ensino-pesquisa-extensão

Proposta de metodologia – Quais são as lições para além dos núcleos

PERGUNTA 1.

Conceição – um ponto bastante importante. Para produzir de forma sustentável é necessário fazer o solo (em Tocantins), que é um ponto central nas práticas da agroecologia. Quase todo o ciclo de vida do solo está quebrado e precisamos iniciar os processos do solo em vários aspectos, dando vida ao solo para chegar a um sistema produtivo e ter sustentabilidade na produção. Dentro de um contexto geral o solo é bastante importante.

-Para mudar essa visão que a universidade passa nas universidades, onde pensam no solo como apenas um suporte, mas é a base para toda uma riqueza. Ele é o princípio, se você mantém um solo fértil.

-No solo dá pra aplicar a água, que relaciona com as sementes e os animais

- Quando você vai falar do solo você fala do quê? Das sementes?

- Neste sentido, temos conseguido fazer o solo?

Conceição- A ação é a lição aprendida, que vai depender do contexto da região, é a ação o que você fez? Recuperar o solo. Para quando você enxergar a matriz você deve ser bastante claro. A preservação e recuperação das nascentes.

Estão perdendo a linhagem de bois que são adaptados ao clima do semiárido ao misturar o boi branco, por isso é importante falar dos animais

Junior- como as ações de agroecologia estão acontecendo nos núcleos a partir da matriz. Esse momento pode ser considerado um processo final de contato com a matriz, pois já tivemos outros momentos de nos relacionar com ela. Devemos focar nas lições. O que temos a partir da matriz para estar trazendo as lições dos núcleos. O que conseguir verificar enquanto temática da agrobiodiversidade. Que são as colheitas do projeto de sistematização.

- Proposta de escolher um caso para um depoimento. Mas são muitos temas e pode ser muito extenso.

Fernando – a maioria dos encontros e eventos em relação da agrobiodiversidade é a questão das sementes. Em todas as regiões e instalações foram trazidas sementes. Nos eventos e trabalhos também vemos o resgate das sementes crioulas. É uma lição onde vemos em quase todos os núcleos, isto é bem geral. Em SP no dia 12 de outubro vai ter feira de sementes. Em termos de colheita vejo isso como uma lição aprendida que vai forte contra a campanha dos transgênicos

- também entra na forma de enfrentamento na campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida. Lá eles entregam o pacote pronto, com tal e tal produto e vai ter um café maravilhoso, o comitê lá entra junto com os NEAs nessa atuação

- Além do fortalecimento dessa troca de sementes, temos evoluído no empoderamento dos agricultores. Essa história do resgate e do fortalecimento, os agricultores tem visto a importância dos cultivos e das sementes crioulas se empoderando. Lá no nordeste tem vindo uma falsa figura do dendê deixando de plantar mandioca, perdendo as manivas, que é a base da alimentação com a farinha.

- a caravana também é importante, podemos dar visibilidade às práticas e agricultores, que acaba sendo referência para outros agricultores como uma experiência possivelmente aplicada. Temos muitos bons exemplos nas caravanas com a agrobiodiversidade. Acho que falta avançar muito nessa discussão para políticas públicas com incentivo maior para esse tipo de prática. Acho que a questão de manutenção também é incipiente. Como isso dá elementos para políticas públicas e ações?

Edgar – na zona da mata pernambucana, através de intercâmbios temos trabalhado diversas temáticas mas principalmente em aumentar as agroflorestas, trocando não só sementes mas as mudas. Eles trazem conhecimentos da mata onde os outros não tinham. Tem sido muito positivo. Lá estamos usando os intercâmbios e observamos as políticas públicas, as cooperativas e etc.

No nordeste tem sido muito forte as cisternas, não dependendo do governo para isso, eles fazem mutirão. Vivenciei no Piauí. Vimos isso como permanência e o uso delas vai aumentar.

-Tive uma vivência no alto paraíso – go, fizemos uma vivência num assentamento fizemos uns pilotos. Fazíamos as oficinas para as pessoas aprenderem para aplicarem em seus locais. Nas parcelas que já tinham as cisternas era bem visível. A água é empoderamento. A pessoa melhora a sua condição.

Jaqueline - No Tocantins temos diversas ações e lições. Temos uma experiência com um caderno de manejo orgânica, do MAPA, de certificação orgânica. Os produtores não conseguiam decifrar os conceitos que tinha nos cadernos. Tivemos alguns resultados não muito bons. Pouca difusão entre agroecológico e orgânica, tivemos muitas dificuldades com as terminologias no caderno. O caderno tem uma linguagem difícil e fomos de casa em casa nos produtores que queriam certificação orgânica. A experiência permitiu identificar que falta uma assistência qualificada, as comunidades sofrem com a ausência do acompanhamento técnico, que também tem falta de recursos. Qual a função da universidade? Fazer extensão e fazer um papel que nem seria da Universidade? Eu como alguém do direito vou falar com agricultor para explicar sobre crotalaria?

Conceição - Nos encontros de agroecologia temos muito mais técnicos e poucos agricultores. Isso eu vejo como um gargalo que temos que mudar a forma de trabalhar, nada disso faz sentido se não tivermos os agricultores presentes. Pois são eles que vão executar na prática. O depoimento de mais valor é o depoimento do agricultor Raimundo. Da sua história com a terra. De certa forma é uma ação, porque na verdade outro depoimento da Ana, o que hoje chamamos de agroecologia é algo que os pais dela já faziam. Temos que ter o pé no chão para ser mais prático.

Temos que ser mais criativos para ir diretamente em ir para onde a prática demanda. Temos que ser mais coerente no que a gente fala mas no que a gente vive.

Conceição – a questão financeira é um grande gargalo, quero dar um exemplo, sou representante de um comissão orgânica. Eles conseguiram levar representantes do Brasil para o CBA, parte do meu orçamento tinha mobilizada para vir. Com as minhas diárias estou trazendo 3 agricultores. Com o dinheiro que eu tenho. Vocês conseguem pagar sua alimentação? Para envolve-los e se assumirem nisso. É encarar de frente isso. É um ponto que podemos estar contribuindo. Recurso hoje para quem escreveu o edital 21, não dá pra ficar dependendo do recurso federal. Acho possível fazer. Tem agricultor de saco cheio da mesma conversa, sem nada concreto. Se imagine disponibilidade de tempo de 3 dias de trabalho para estar aqui. Precisamos ser mais práticos e mais objetividade

Roberta – acho que os NEAs tem um papel fundamental nessa discussão. Da falta de assistências técnica mais coerente. Eles chegam na instituição e acha que é assistência técnica. O que temos refletido no NEA é trazer os agricultores para dentro dos núcleos de agroecologia para eles se sentirem parte do núcleo. Para quando chegar os NEA os agricultores não verem esse espaço como algo dos estudantes e professores. Os NEA tem um papel de formar novos profissionais que vão olhar e pensar as estratégias um pouco diferente. Não adianta ter as instituições e não profissionais ou ter profissionais e não ter concurso. Outra coisa que temos aprendido é o fortalecimento das feiras agroecológicas que é valorizar as feiras agroecologias, acho que é uma estratégia que aliais tem avançado graças aos NEA

Jr. – o tema que ficou de fora "Atores, equipes e parceiros" as caravanas agroecológicas, que aconteceu no Pará em maio. É um acúmulo da agrobiodiversidade na Amazônia, na região nordeste do Pará. Dá pra ver de impacto o resultado e a diversificação produtiva, tem elementos bastante concretos de sistemas agroflorestais. Essa questão da diversificação produtiva no nordeste paraense no ponto de vista de ações que tem sido realizada que faz esse resgate de sementes crioulas inclusive, de espécies frutíferas e madeireira. Na recuperação do local. No contexto de ações no contexto de relações das redes. A rede norte foi muito importante para realizar essa ação da caravana, que perpassa pela indissociabilidade, pelo leque grande pessoas envolvidas. É um dos elementos bastante interessantes nas caravanas agroecologias que traz não só a mera troca de experiência a afirmação do que tem dado certo. Aqui hoje experiência do Machado é uma, que está aqui presente e passou adiante suas experiências fortalecendo a agrobiodiversidade.

DEISE - Vim aqui, trabalhar a muito pouco tempo. Você vai poder estar me ajudando aqui e alguns assentamos indígenas, com as mudas do cerrado, ano passado eu tentei fazer algumas mudas e não consegui. Trabalho aqui das 6h as 10h e das 18h as 22h. quero ajuda de vocês para mim estar fazendo as mudas e dar para os indígenas que sempre vem aqui. Outra questão é o cupim que tem acabado com as plantas do cerrado.

Informe para deise, tem 2 pessoas que trabalham com homeopatia para pensar numa possível solução. Aqui no final podemos também tirar algumas pessoas para ajudar e conversar com a Deise. Fernando, Ilyas, Renato – irem das 10h as 18h.

Fernando Franco– sistemas agroflorestais, que trabalho a bastante tempo, que temos em diversos lugares, na indissociabilidade com agricultores que temos conseguido fazer. A política pública também, temo conseguido inserir os SAF como estratégia de restauração. A exemplo das legislações que temos conseguido influenciar, onde temos conseguido implantar e monitorar. Que tenho visto em diversos núcleos dos SAF como política pública

- no NEA AMA temos trabalhado a agrobiodiversidade junto aos consumidores. Temos trabalhado com o comércio justo. Existe a necessidade do produtor comercializar. Os agricultores estão

tentando incluir alimentos diversos, mesmo que não seja muito comum em cestas de venda direta.

Jaqueline: outros pontos positivos em Tocantins, a gente notou que quanto o núcleo se juntou a outras instituições se conseguiu ter mais eventos realizados, mais seminários, mais agricultores envolvidos. Investimos muito em comunicação, sem dinheiro mas fizemos bastante coisas. Muitas pessoas têm vindo procurar o grupo, pedindo colaboração ou serem voluntários. Tem uma diversidade grande recursos humanos no grupo, ao se deixar os estudantes tomarem a frente, onde decidem, quando terminam o tempo no núcleo acabam voltando. E é uma coisa que sempre temos muita dificuldade, a falta de recursos humanos e de jovens tomarem a frente e se vincularem.

Conceição - Num curso de agrobiodiversidade o Juan Pereira foi dar um curso pra gente, num área de unidade demonstrativa. Posso dizer que fizemos o solo, temos um sistema produtivo e temos produzido cenoura. Criamos frente aos cursos e as parcerias extremamente importantes com recursos do RENEAL, parceiros diversos, sociedade civil, Embrapa e etc. Exemplo de criar multiplicadores. Ontem um menino disse, quando vamos deixar de fazer o CBA no shopping? Temos trabalhado muito em forma de mutirão e o resultado disse tem sido muito legal. Você chega no fim de tarde fica lesado, comento na mesma panela, bebendo na mesma caneca, a relação é outra.

- Começamos um SAF, numa fazenda com boicote constante. É um impacto na instituição que o núcleo

Conceição – qualquer movimento relacionada a uma pratica ambiental estava ligada de maneira muito pessoal, mas a instituição do núcleo é algo muito importante. No dia 7 que foi feriado entrou um fogo numa área de um fragmento florestal que trabalho. No mesmo instante o corpo bombeiros chegou. Houve alunos que disseram “Hoje de fato senti que o Núcleo tem papel importante na universidade”

No SABIÁ eles tem 4 jornalistas

Na comunicação não é divulgação apenas do nosso trabalho, mas é divulgar a agroecologia. Fazemos até sorteios pra impulsionar a página. Montamos uma cesta e isso divulgou muito.

- Estamos com uma feirinha e estamos com dificuldade para comunicar e até os agricultores estão envolvidos nisso. Mas precisamos capacitar.

XX Piauí - Quando falamos de comunicação precisamos pensar na sua democratização. A rádio foi uma forma de democratizar junto agricultores. Pensamos em grupos de trabalho e na sua democratização. Temos um amigo que ajuda a gente. Temos até cinema agroecológico que levamos principalmente para as crianças. A gente enquanto extensionista, já mudou a relação. Eles pedem sempre coisas para colocar na rádio.

Projeto Flora eles atuam com SAF numa metodologia Camponês a camponês (CaC). Num projeto eles tinham uma linha de comunicação. Numa oficina eles construíram junto com os agricultores para que eles decidissem como e o que eles queriam comunicar? Livro de receitas, CD de música e vídeo. Na Universidade provavelmente não iríamos pensar nisso.

-Nos parceiros do Núcleos eles acham que existe um padrão de Agrofloresta. Isso tem a ver com uma cultura de alimentação. Um agricultor as vezes consome muito suco de manga e no SAF vai ter muita mangueira, e isso não é SAF? São problemas técnicos que os núcleos podem contribuir.

Tentando separar

Agrobiodiversidade e Bens Naturais

- - rede de troca de sementes
- - comitê permanente contra os agrotóxicos e pela Vida
- - empoderamento dos agricultores e resgate da cultura
- - caravanas agroecológicas
- - intercâmbio prático teórico sobre SAF
- - agroflorestas como estratégia e em relação à indissociabilidade e na relação às políticas públicas
- - intercâmbio/ações tecnologias sociais como as cisternas
- - Comunicação com agricultores na troca de conhecimentos
- - trabalhar a construção coletiva junto com agricultores, não só de trazê-los mas que eles contribuam nesse processo. – cooparticipação
- - papel dos NEAs, nesse processo de trazer os agricultores para dentro dos NEA (entra no ponto dos atores) e nos próprios cursos e instituição
- - fortalecimento das feiras agroecológicas
- - investimento humano para disseminação da agrobiodiversidade.
- - Temos investido muito pouco na comunicação, e quem faz muita coisa tem dificuldade de divulgar e as vezes se faz quase nada e se divulga muito. Precisamos de gente capacitada para isso, pessoas que tem manha de mexer nas redes para compartilhar e impulsionar a comunicação. Precisamos comunicar mais externamente
- - práticas junto a agricultores mas também os acadêmicos e outros em conjunto nos mutirões
- - angustia de tornar executável o nosso trabalho junto aos agricultores, quais são as possibilidades estruturantes nas nossas atividades.

Atores, equipes e parceiros

- Os NEA contribuem na formação de novos profissionais
- Relação nas regiões e entre as regiões
- Trabalho junto aos consumidores, envolvendo nesse processo, por exemplo comércio justo
- Unidade dos Neas com outras instituições, que possibilitam uma rede acontecendo na localidade e região.
- Comunicação, com o investimento humano
- Autonomia estudantil que contribui

FALTAS, Desafios:

- Falta de assistência técnica qualificada e em agroecologia
- Perda de biodiversidade pelos agricultores
- Comunicação – comunicar e divulgar externamente o que fazemos e a agroecologia como um todo.. investir nessa comunicação
- Envolver os agricultores na comunicação e divulgação
- Usar redes sociais e também a entender a comunicação que chega aos agricultores. Outros meios de forma de comunicação, o que eles reconhecem como forma de comunicação? Para aprendermos a identificar com eles o que eles enxergam como ferramenta de comunicação. Um bom exemplo é eles se verem, que é uma conotação importante. Para se enxergarem.

RAISSA – anotou em targetas, algumas das Ideias centrais para discutirmos.

Temos que colocar 3 lições e um depoimento.

Fernando propôs fazer um Hai kai para apresentar no grupão - Uma forma de poesia japonesa com três frases, Introdução, desenvolvimento e conclusão. Poderíamos pensar nisso como uma forma de apresentar no grupo.

Agrobiodiversidade

Os SAF – englobam as feiras, circuitos curtos, economia solidária e o trabalho junto com os agricultores

Empoderamento das agricultoras e agricultores. Se sentirem parte

Comunicação – fortalecer, dar visibilidade, até para lutar por políticas públicas, as feiras, os mutirões e trocas de conhecimentos → *como estratégia e resistência*

Atores, equipes e parceiros

NEA – institucionalização, disputa espaço, formação e etc.

Trabalho em Redes – trabalho das redes e em redes junto com os NEA em diversas regiões

Parceria dos NEA com as instituições em referências gerais que existem no território – intercâmbios, Agricultores como bolsistas dos projetos, instituições outras e etc.

- No repasse dos grupos, acho importante ser pessoas jovens. Estaremos definindo amanhã.

Grupo de discussão SAÚDE

Dagmar: se não trabalhamos contra o agrotóxico, não se discute saúde. A saúde não é só política pública, porque o povo não tem saúde? No MT as pessoas são expostas a 64 L de agrotóxico por ano. Ano que vem faremos o fórum contra o glifosato, nada melhor de quem vive isso para falar sobre este assunto.

Realizamos uma pesquisa que constatou níveis altíssimos de agrotóxico no mel de abelha.

Jessica: Mais alimentação saudável e menos halopáticos, na minha família houve um enorme endividamento devido a compra de remédios. A lógica farmacêutica-mercantil é cruel e irresponsável.

Deco: Ampliar a denúncia para além da aplicação de agrotóxico, buscar parcerias para engrossar essa denúncia, ampliar as redes de denúncia; Anúncios: Questão da alimentação saudável, aumentar o debate para além do alimento sem veneno: comida de qualidade no campo ou na cidade. Articular encontros dos saberes tradicionais: benzedeiros, raizeiros... com os encontros agroecológicos. Importância da questão de gênero e o vínculo da mulher com a saúde (benzedeiras, raizeiras, agentes de saúde)...

Ampliar o diálogo com o SUS através de políticas já existentes. Vínculo da qualidade da saúde com os níveis de saneamento/habitação.

Que SUS queremos para o campo?

Fran do MS: Atividade que temos com as panc's, houve uma aceitação muito grande e depois de algumas oficinas as panc's se inseriram nas feirinhas que já aconteciam.
Alimentação Inteligente (Clara Brandão, nutróloga): Pensa-se nos aspectos de sustentabilidade, gasto energético que está por detrás, rápido preparo e preço popular.

Hortas Perenes: Muitas vezes a execução das hortas se mostra inviável devido a Mão de obra e gasto hídrico. As hortas perenes precisam de menos cuidados, tem manutenção mais fácil.

Pensando saúde para além da saúde humana

Outros elementos:

- Saberes tradicionais
- Experiência em Saúde no NEA da UNB. Dona Flor do Moinho – Projeto em relação com a Agricultura Urbana
- Questão dos Resíduos
- Plantas Medicionais e PANCS
- Semente Crioula é saúde
- Experiência do Boneco Fitoterápico - plantas que contribuem plantadas correspondentemente nas partes do corpo
- Horto de plantas medicinais
- Papel dos NEAs na construção do conhecimento em Saúde
- Alimentação Inteligente – regionalizada, baixo consumo de energia, baixo custo, prepara rápido e alto valor nutricional
- Produção de defensivos naturais é saúde
- Aromaterapia
- Saneamento e Habitação
- O audiovisual contra hegemônico como informação em saúde
- Saúde articula a luta contra o agronegócio por várias frentes - território, cultura, gênero, das políticas.

Sínteses e Priorizações:

- **Por uma Saúde do Campo**
 - Ampliar como agenda estratégica para a agroecologia, as articulações com sujeitos coletivos da saúde
 - Compreender políticas e ações do SUS que podem contribuir para o avanço da agroecologia
- **Alimento e Ambientes Saudáveis**
 - Denúncia aos impactos do agronegócio (Exemplos concretos no NEA da UPF no RS e no Gwatá na UEG)
 - Para além de alimento sem agrotóxico
 - Diversidade e qualidade (NEA da Agraer exemplo de trabalho de recuperação dos saberes alimentares, recuperação da batata roxa)

- Articulação com Nutricionistas a partir do PNAE (exemplo da Agraer)
- Diálogo através das feiras, horta em hospitais
- **Cuidados Populares em Saúde**
 - Plantas Medicinais, homeopatia (NEA UPF e NEA NEAGRO)
 - Trabalho em Escolas (CAL)
 - Disciplina integrando acadêmicos e comunidade (NEA UPF)
 - Protagonismo das Mulheres

Síntese dos Grupos – Socialização das Lições Apreendidas, dos Desafios e dos Exemplos Concretos



Relatora: Larissa Cabral (NIA-UFRRJ) Dia: 10/09/2017 – MANHÃ - Local: plenária – retorno dos grupos

AGROBIODIVERSIDADES:

Metodologia: mística

Palavras-chave: agrofloresta, empoderamento, Redes, parcerias, institucionalização dos NEAs;

Depoimento:

- Nossos parceiros entendem o SAF como se eles fossem um pacote. Em uma experiência nossa, um agricultor gosta muito de manga. Então, no SAF dele tem manga. Os técnicos olham aquilo e acham que está errado. Os parceiros não conseguem entender que os SAFs não tem padrão. Então, um dos papéis dos Núcleos é também auxiliar nesse processo.

PROCESSOS EDUCATIVOS

Quatro lições:

1. indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – entendendo os territórios na suas múltiplas escalas. O diálogo com as diferentes realidades tem que provocado processos educativos diversificados. A universidade não reconhece as atividades dos

- NEAs como pesquisa, mas como extensão. Esse é um grande desafio. Os núcleos contribuem com essa outra perspectiva de olhar para o território;
2. Pedagogia crítica e popular: inúmeras experiências ocorrendo Brasil a fora. O projeto de sistematização mostrou isso. Se expressa na pedagogia grão e na pedagogia da alternância
 3. Processos continuados de formação de educadores – articulados aos territórios, favorecendo os processos de troca;
 4. Institucionalização da Educação em Agroecologia – os NEAs são a melhor perspectiva da institucionalização da agroecologia dentro das universidades, abrindo o leque para articulação com outras áreas do conhecimento – agroecologia como eixo transversal;

Depoimento: Pedagogia Grão – Projeto PEDAGROE – Nordeste. O projeto funciona como uma rede de núcleos no nordeste. A construção desse projeto foi inspirado na pedagogia grão e dialoga fortemente com a agroecologia. Na pedagogia grão o conhecimento parte da ancestralidade. O conhecimento é acessado através das músicas e danças tradicionais. Depois da apreensão do conhecimento é que se transforma ele num processo mais científico. Vínculo espiritual, mas para a ação concreta.

GÊNERO

Metodologia: Teatro

Lições aprendidas:

Resistencia – dificuldades para executar projetos com as mulheres e de garantir que as agricultoras sejam bolsistas dos NEAs;

Desafio – luta contra o machismo institucional; diálogo com o movimento LGBTT; desconstruir a masculinidade machista;

Incorporação entre feminismo e gênero –

Protagonismo das mulheres negras –

Parceria entre universidade, organizações e movimentos feministas – reflexão sobre a realidade das mulheres nos territórios; diálogo com os homens também; articulação das lutas;

(música)

Depoimento: No espaço de gênero só tinham mulheres. Não era um espaço fechado, mesmo assim os homens não foram. A pauta sem feminismo não há agroecologia, não pode ser só das mulheres;

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

Metodologia: integração com a plenária e poesia

Depoimento: Projeto entre a ESALQ e o MST. No primeiro dia de estágio Thaís foi para campo sobre os quintais produtivos e objetivo era tentar entender qual era a principal demanda da comunidade. Eles falaram da formiga. Thaís não sabia nada sobre formigas. No círculo de cultura feito com a comunidade uma senhora que não queria falar, porque achava que não sabia nada. Quando falou deu várias sugestões para o problema das formigas e os técnicos não precisaram falar nada. A metodologia usada de integração com a comunidade foi fundamental;

Lições aprendidas:

1. Escuta profunda – para acarretar mudanças; diálogo sincero como base da construção do conhecimento – deixar as palavras entrar pelo ouvido e descer até o coração;
2. Construção coletiva – participação de diversos atores na construção do conhecimento;
3. Envolvimento no cotidiano

(Música Ney Matogrosso)

SAÚDE

- Muitas mulheres vieram para o debate da saúde – isso é em si uma resposta;

Lições aprendidas –

1. Alimentação e ambiente saudáveis – importância do alimento não só na perspectiva dos agrotóxicos, mas pensando no alimento como fornecedor de energia; luta pelo acesso ao alimento saudável; PNAE – fazer ações com as nutricionistas e com as merendeiras das escolas para a elaboração de um cardápio mais cuidadoso; denuncia ao agronegócio e seu impacto sobre as águas, o ar, etc.;
 2. Cuidados populares – pesquisa com plantas medicinais e homeopatia;
- Depoimento: Passo fundo – NEA dentro de uma universidade particular – Através do projeto do CNPq a coordenadora do projeto conseguiu inserir a agroecologia no currículo da agronomia e ao mesmo tempo esta funcionou com atividade de extensão, onde as pessoas das comunidades podiam participar – ir para a universidade assistir a aula da agronomia. Projeto bem interessante – trabalha com plantas medicinais e homeopatia;
 - Refletir também sobre saúde mental – causado pelos agrotóxicos, pelo machismo, etc.;
 - Debate sobre as drogas;

3. Saúde do campo –

Depoimento: Dona Maria - Agricultora (Amazonas) – “Estou aqui hoje com vocês por um trabalho do NEA, que faziam várias atividades com plantas medicinais e dessa maneira chegaram até mim. Eu trabalho com plantas medicinais. Se não fosse o NEA eu hoje não estaria aqui participando desse encontro. Os NEAs são muito importantes para as comunidades. Os NEAs vamos trabalhar, vamos sair e assistir o nosso povo que estão precisando”.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Tres eixos:

O que representou a política dos NEAs:

- Contribuiu para dar visibilidade a diversas iniciativas que já existam nas instituições;
- Permitiu a partir da nossa história, buscar construir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- Construção em parceria com diversos atores;
- A política dos NEAs precisa ser mais financiada – não pode não haver dinheiro para isso;

Institucionalização dos NEAs

- Enraizamento nos territórios, mas só isso não é suficiente, precisamos de políticas estruturantes – reforma agrária, água, PAA, PNAE – são políticas fundamentais para a agroecologia se desenvolver;

- Os núcleos devem se engajar na pauta da reforma agrária e nos direitos dos territórios – política da reforma agrária;

Depoimento: De 2016 para cá as perdas que nós tivemos são muito notórias e significativas. Verbas para políticas estruturais (reforma agrária, PAA, PNAE) e sociais (Bolsa família, PRONERA) vai cair pela metade em 2018;

Qual o papel dos núcleos e como os núcleos podem contribuir com os agricultores?

- Proposta: NEA-GO se reunir com a professora da UFB para ver se conseguem articular projetos estaduais de apoio aos núcleos;
- Edital de Núcleos pela FAPEMIG – MG – podem socializar com os outros estados para tentarem nos seus estados também;
- Núcleos fazer oficinas com os agricultores para falar sobre as PP e eles saberem a quais políticas tem direitos e com isso fazerem pressão;
- Ação efetiva nas universidades – indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão
- Lutar pelas PP porque isso é direito nosso, mas não depender só disso;

Depoimento: Cleiton É bem difícil ter acesso às PP, principalmente PAA e PNAE, e quando consegue os bancos demoram para pagar. A divisão dos recursos para os lotes do assentamento é bem confusa. O principal problema é a questão da igualdade desse programa. Eu acho que tem que ter equidade.

Depoimento 2: Anahi – IFPecui – dificuldade de acesso dos agricultores ao PRONAF. Quando conseguem acesso falta projetista. Nós enquanto núcleos temos um importante papel de sair do meio acadêmico e levar esse conhecimento a comunidade;

JUVENTUDE

"Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular"

Depoimento: Comunidade BH – projeto que faz húmus e consegue obter recursos. A venda na feira também é um espaço de articulação;

Direito a cidade e a comunidade – desejo de viver com um ambiente compartilhado;

Lições aprendidas:

1. Reconhecer a importância da juventude;
2. Potencializar intercâmbios que assegurem as diversidades populares das juventudes – reconhecendo que existem diferentes juventudes; como os jovens se identificam; É preciso investir no intercâmbio entre os jovens para valorizar o que cada um deles trazem;
 - Processo de formação com a juventude deve ser para além da dimensão técnica, eles devem considerar também a dimensão cultural – porque a juventude quer ouvir música, quer dançar, etc.;

Depoimento: Raquel – Em 2014 ela estava de malas prontas para SP, não via perspectiva na luta pela terra. Ela passou a se perceber como fruto do processo de reforma agrária depois da formação.

"Juventude e agroecologia, a luta é todo dia"

Depoimento: Eu sou Makeda, estou há 8 anos intercambiando no Brasil e me sinto cada vez mais perto de casa nessas trocas que a gente faz aqui. Gratidão

DIVERSIDADES E ETNICIDADES

Eixo que poucas pessoas pegam para falar, mas ao mesmo tempo ele é transversal a todas as outras discussões;

Lições aprendidas

1. Desafio: Uma dificuldade é a identificação desta identidade – muitas vezes até a autoidentificação;
2. Preconceito: somos um país grande, com sotaque diversos, culturas diversas, etc., precisamos procurar alternativas contra o preconceito – velado ou não –

Depoimentos: Num trabalho numa comunidade na Bahia, uma comunidade quilombola não se reconhecem como descendentes de escravos;

3. Olhar para o outro – para trabalhar com povos e comunidades tradicionais é preciso nos despir da nossa cultura para olhar pra o outro através da cultura dele. Esse talvez seja o exercício mais difícil, se despir da nossa cultura para conseguir olhar o outro – enxergar o outro;

Depoimento: Machado (agricultor). Gente eu sou agricultor mesmo de coração. O poder público pode vir me dar um emprego, "Machado, vai lá trabalhar na prefeitura" eu não quero não. Em cima desse projeto para recurso eu to pedindo força para que ele seja aprovado. Vou contar uma história aqui do meu pai. Meu pai tem três lotes de terra. De 2014 para cá busquei parceria, busquei conhecimento e por isso hoje eu to aqui. Através desse conhecimento junto com a universidade eu to aqui. Eu ganhei R\$ 10.000, eu pensei meu Deus o que eu vou fazer com esse dinheiro. Procurei apoio com meus parceiros e eles disseram o dinheiro é seu, faz dele o que você quiser. Eu fiz uma poupança. Eu comprei um terreno por R\$8000 e hoje tenho milhares de espécies plantadas nesse terreno. Nunca abandonei a roça. Hoje eu tenho várias espécies nativas plantadas. Os caras me chamavam de doido. Eu fiz o curso de (...).

Síntese do espaço de socialização da Matriz – domingo de manhã

Elaborado por Patricia Tavares (Mídia Crioula) e Transcrito por Larissa Cabral

Para fazer agroecologia é preciso escutar

Aprender com a tradição: pedagogia grão, educação popular

O dia-a-dia do povo nos ensina: todo saber é construção coletiva

A comunicação é necessária, ajuda na organização e no campo de batalha

Precisamos tecer redes: no campo, nas cidades, na floresta

Dentro das universidades – dialogar com toda sociedade

E tudo isso só se faz "Bio" diversidade

Saber respeitar os tempos e os espaços de cada lugar

Agroflorestar as mentes!

Nesse assunto as mulheres são sementes

Cuidar da saúde, da vida e da luta

Os homens também precisam chegar, saber ouvir, interagir e respeitar

Os cuidados com a saúde, o povo pode ensinar

Saber da terra, das ervas – cuidados de cada território

Mas, é preciso se atentar: a saúde no campo precisa chegar!

No dia-a-dia precisamos olhar para os alimentos

Comida de verdade na mesa do povo é direito fundamental

Para a caminhada continuar, muitas parcerias

Precisamos teimar – saber repartir os pães

Para que nossas ações também possam se fortalecer e multiplicar

A política dos núcleos ajudou a agroecologia

Fez com que em muitos territórios esse debate pudesse chegar, Mas, só isso não basta!
Muitas políticas estruturantes ainda precisam acontecer
Reforma Agrária, Água e energia, a luta por moradia
Vivemos um momento difícil, muitas perdas de direitos e recursos
Como nos organizamos para lutar e fazer mudanças?
Nessa trajetória a sistematização ajudou a olhar a atuação dos Núcleos
Nesse caminho os Núcleos muito podem ajudar!
Fazer resistência, lutar contra o agronegócio
Precisamos permanecer, com o sem recurso financeiro
Porque também sabemos trabalhar sem dinheiro
Permanecemos em luta de cabeça erguida!
A juventude precisa ser reconhecida
Na escola, no campo, na cidade
Precisamos intercambiar: conhecer como os jovens atuam nos diferentes territórios
Somos juventudes – diversidade, elos entre as diferentes gerações
Como identificar essa diversidade? Como reconhecer nossa identidade?
Sabemos que ela existe...
Mas, ainda vivenciamos muitos preconceitos
Precisamos saber mais da nossa história
Rever a nossa memória – o que somos é o que nos fez chegar até aqui
Nesse caminho olhar e respeitar um ao outro pode nos ajudar
Se chegamos aqui, é fruto da nossa diversidade
Do povo e da luta para transformar a sociedade

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA

Dia 10.09 – Domingo pela tarde (15h00 as 17h30)



Facilitador: Willer Relatoria desses fragmentos: Luis Mauro S. Silva

Participantes: Todos.

Objetivo da Oficina: Produção de estandartes que expressam nossas percepções sobre a MATRIZ DE SISTEMATIZAÇÃO, como um produto para levar ao X CBA.

Metodologia:

- Os 30 minutos iniciais foi de silêncio e concentração como forma de compreender as orientações e inspirações pedagógicas da metodologia da ESCRITA CRIATIVA. O caminho é de uma escrita com descoberta. Essa metodologia vem sendo desenvolvida pelo Willer há décadas e vem sendo aprimorada e adaptada para apoiar processos de múltiplas linguagens. Um processo baseado em princípios freirianos e uma perspectiva sistêmica, partindo da singularidade e elevando o nível de complexidade junto com os participantes.

- Cada participante utilizou tarjetas e pinceis, para as construções no processo proposto. Alguns comandos foram norteadores de todo o processo.

INICIO

- A Pati fez a leitura de uma síntese do processo de construção da MATRIZ DE SISTEMATIZAÇÃO durante o evento (e as memórias de todos os processos anteriores).

PRIMEIRO COMANDO: Cada participante escreveu uma expressão (termo) em uma tarjeta, que sintetizasse o processo de construção da matriz de sistematização.

SEGUNDO COMANDO: Cada participante desenhou algo que representasse o termo escrito na primeira tarjeta.

TERCEIRO COMANDO: durante 10 minutos, cada participante escreveu um texto descrevendo (explicando) o significado do termo escrito e desenhado.

MUDANÇA DE NÍVEL DE COMPLEXIDADE: sai da particularidade e dialoga com o parceiro.

QUARTO COMANDO: Cada participante troca seu desenho com outro participante, formando duplas.

QUINTO COMANDO: Dentro das duplas, cada participante escreveu um texto interpretando o desenho do parceiro.

SEXTO COMANDO: Nas duplas, cada parceiro leu seu texto de interpretação do desenho do parceiro. Em seguida, cada um leu sua descrição sobre seu próprio desenho.

MUDANÇA DE NÍVEL DE COMPLEXIDADE: para uma leitura coletiva.

SÉTIMO COMANDO: reunir 4 duplas, formando um grupo maior. Em seguida, produziram um estandarte que representasse a essência (síntese) do significado da MATRIZ.

Finalização: Exposição dos 9 estandartes e falas curtas sobre o sentimento durante o processo e os estandartes.

- COMPLEXIDADE

- SINTONIA

- RESILIÊNCIA

- INSTIGANTE

- ESCUTA

- PROCESSO CRIATIVO E CONTRATO
POLÍTICO

- COLABORATIVO

- COLETIVIDADE

- INCLUSÃO
- CONSTRUÇÃO COLETIVA
- ESCRITA COLABORATIVA
- CRIATIVIDADE É A NOSSA RESILIÊNCIA
- COMPANHEIRISMO E COLETIVIDADE É NOSSA RESISTÊNCIA
- UMA CONSTELAÇÃO AGROECOLÓGICA (MATRIZ E ESTANDARTES)
- UM GRANDE DESAFIO COM CONFLITOS, ACORDOS...IMPORTANTES NESSE PROCESSO
- TEMPOS DISTINTOS E A PACIÊNCIA FOI IMPORTANTE
- SENSIBILIDADE DE CONSTRUIR LINDOS ESTANDARTES CONTENDO A COMPLEXIDADE
- IMPORTANTE NÃO ESQUECER INFORMAÇÕES QUANTITATIVAS SOBRE OS IMPACTOS DOS NEAS (VER POEMA DO ALEXANDRE).
- FOI CONSTRUÍDO UM ESBOÇO DE CARTA PARA SER ENVIADA AO CNPQ (VER CARTA).

Espaço sobre o IV ENA: O Papel dos NEAs na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia



Danúbia: Proposta deste ENA é o diálogo com a cidade, entre elas com a agricultura urbana em BH, a partir de suas experiências concretas dos territórios. Há uma coordenação nacional composta por vários movimentos.

O ENA é organizado pela ANA, portanto é construído pelos movimentos sociais que a compõe.

Como aproveitar a articulação nacional dos NEAs e como essa articulação pode fortalecer na construção do próximo ENA?

Um dos desafios é fazer uma alimentação totalmente agroecológica, mas precisamos de ajuda, pensamos no NEAs como uma possibilidade: ajudar estes alimentos a chegar em Bh. O que tem no território do NEA que pode fortalecer na feira?

Luisa: Devido a conjuntura atual, o caráter popular deste ENA vai ser algo mais relevante, moradias solidárias, acampamentos em escolas. Entendimento do ENA como processo.

Danubia: O ERÊ - Encontro Regional Sudeste, que será realizado no dia 6,7 e 8 de Outubro, vai ser organizado em conjunto à feira agroecológica do MST. E também está sendo feito com pouco recurso, por isso a importância de auxiliar no processo de construção.

Irene: Esperamos 3000 pessoas, podendo ser mais pois vai ser em praça pública. A primeira vez que o ENA é aberto. É o nosso evento do ano que vem. O MST de Minas já disponibilizou uma cozinha para 7000 pessoas, precisam é levar os ingredientes.

Romier: A ANA é uma rede de redes. O ENA é um encontro do movimento agroecológico, prioriza os agricultores mas é do movimento como um todo.

William: Da reunião da articulação na Amazônia, está marcado para Fevereiro o ERÊ do Norte. Há um comprometimento do NEA ... para mapear as experiências agroecológicas no Norte. Os NEAs vão se responsabilizar por ajudar a organizar.

Willer: Participo da comissão estadual do ENA, é necessário que no sedimentaram um pouco mais a dimensão cultural do evento, por isso a importância de articular os poetas, dramaturgos, cancioneros populares, pensamos em fazer uma "passarela artístico cultural" entendida como integrada à produção de alimentos.

Edu: Pensando em Arte Agroecológica pensando nos elementos que retratem isso.

Seu Machado: Quero reforçar a parte de alimentos saudáveis, pois sei que plantei e colhi.

Irene: Diferenciação do CBA e ENA. São os maiores eventos de agroecologia do mundo !

Estratégias de mobilização

1. conhecer os antenas do nosso estado - lista abaixo
2. Articular com quem já está ajudando, parceiros a atores que constroem o ENA
3. Participar dos preparativos (EREs - Encontros Regionais)
4. Tarefas para o ENA: Arrumar alimentos, pode ser doado e também vendido.
5. Se preparar para levar experiências
6. Levar produtos para a feira. O que significa conseguir transporte
7. Levar os elementos para as IAP's - Instalações Pedagógicas.
8. Fazer o segundo Encontro do núcleo dentro do ENA

Giu: Fala do Encontro das Juventudes

Georgiana MA: Começamos enquanto núcleo nossa organização, já iniciamos com nossas caravanas.

Willer: Exemplificando algumas coisas durante a Troca de Saberes da peneirinha, fizemos uma agenda.

ENCAMINHAMENTOS

Danubia vai deixar o contato das Antenas
Atentarmos para a listinha da Irene (acima)

Espaço CBA

- É inviável todo mundo ir para a montagem das IAP's, pensamos em tirar 5 pessoas por região.
- Importante completar a planilha que enviamos no e-mail, por facilitar o diálogo.
- CBA será um evento grande, que é também uma celebração, momento de encontro e conversa.

Nossos Desafios - Preparação para o diálogo com o Governo e Encaminhamentos dos Desafios Políticos

Relatora: Ana Claudia Rauber
Telefone: (42)991492271
E-mail: acr_rauber@yahoo.com.br

Irene Cardoso:

-Aquário 10 núcleos
-Falas dos dois agricultores: Raimundo e Maria
-Bolsistas – intervenção de amanhã
Núcleos: Rede Norte,

Ana Claudia: É necessário fazer um Ato político e uma carta para o CBA;

Fala 2: São pelo menos 200 projetos aprovados, depoimentos, sínteses, demandas para o governo da continuidade da política dos núcleos; Os bolsistas podem entrar individualmente ou de forma coletiva.

Conceição Unitas (TO): Em Tocantins as bolsa entraram pela plataforma Carlos Chaga. É necessário fazer um movimento legal, com posição jurídica, buscando documentação através de ofícios, extratos de contas dos bolsistas. Apoio da instituição, peso mais forte se fazer junto do que individualmente.

Alexandre: Os órgãos não repassam recurso ao CNPq, até agora foi a melhor forma de repassar os recursos.

Irene: Foi mandado recursos ao CNPq, que pagou os bolsistas dos nedets ao invés de repassar os recursos do núcleo.

Ju do Amazonas: Tem que exigir que o recurso seja pago, é preciso entrar na justiça para que o órgão cumpra com os combinados.

Pedro de MG: Problema político administrativo de não repasse de recurso.

Vivian: Não entrar com recurso não garante ter uma boa relação com o CNPq, entrar na justiça é um risco, mas tem que enfrentar, foi um processo administrativo escolhido.

André: Dentro do CBA terá um conjunto de promotores, fazer um diálogo com Luciana Curi, ministério público pode mediar este processo.

Roniére: Quem entra na justiça? Do ponto de vista jurídico é mais complicado, Os neas não podem entrar, pois não existem juridicamente. É uma causa dos bolsistas, MP de Brasília teria que entrar na justiça. Poderia fazer um abaixo assinado ou ação, a ABA não poderia entrar.

Levantamento de quais bolsistas e núcleos estão prejudicados, e fazer uma audiência no CBA para ver qual o caminho jurídico.

Irene: Tem um documento que assume que errou, o CNPq não tinha vontade política para liberar os editais. Talvez é mais interessante fazer uma ação coletiva. Alguém deve fazer um levantamento de bolsistas que querem fazer a ação no CBA, juntamente com a Conceição, André e Jaqueline.

Luiza: Posicionamento dos bolsistas – não tem condições de abrir um processo contra o CNPq, não é apenas os bolsistas que estão sendo prejudicados é todo um processo de agroecológico.

Roniére: Do ponto de vista jurídico a ABA não tem a ver com o CNPq, pois repassa os recursos para as universidades, Vai ser feita a articulação com o ministério público. Buscando uma solução.

*Política de estado 1) não foi pago 2) dinheiro volta 3) calote na agroecologia e movimentos sociais *os coordenadores também foram prejudicados, devem entrar juntamente com os bolsistas

Jaqueline advogada: CNPq vinculado à união, procedimentos: 1) bolsistas podem instaurar uma ação judicial, os bolsistas podem fazer uma procuração para alguma entidade. 2) denuncia no MPF pode representar os bolsistas

Islas: denuncia coletiva dos bolsistas junto ao MPF, INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS NÚCLEOS NA UNIVERSIDADE Pressão no MEC para institucionalizar os núcleos

Roniére: Normativa sobre a curricularização da extensão, minuta que fala sobre isso, todos os cursos devem ter um percentual de atividades de extensão, esse é um caminho jurídico. Cada instituição tem suas características. Podem fazer normativas internas

Vivian: Não tem portaria, tem política de núcleo

Fred: tem nea institucionalizado através da pro reitoria de extensão, os materiais adquiridos ficam só, não tem interferência da direção ou da diretoria,

Alexandre (bananeiras): institucionalização dos núcleos a partir de 2010, está assegurado que a universidade tem que aportar recursos para os núcleos funcionar, assegura certa estabilidade dentro da instituição,

Irene: cada universidade tem um estatuto, tem suas características, falar com o MEC para orientar a institucionalização dos neas

Às 19:19 lançamento da campanha Leticia - **Pela divisão justa do trabalho doméstico**
Diversos materiais que foram produzidos para a campanha

DIA 4: Aquário – ESPAÇO COM OS MINISTÉRIOS

Relatora: Larissa Cabral

*"Deixa o povo plantar, deixa o povo colher
Deixa o povo ser feliz
No Brasil não pode ter miséria
Nessa terra de tanta fartura
Xô miséria!"*

Convidados: Gabriela Cunha (Comissão de Agroecologia), Marcos Pavarino (Coordenação de Agroecologia e Prod. Sustentável), Jessica Martins (Coordenação de Agroecologia), Laila (Coordenação de Agroecologia e Produção de Agroecologia – SEAD), Fernanda (MEC), Jorge (Superintendência Federal de Agricultura da PB), Alfredo (MCI TP), Maria Luiza (MEC) André Araújo (?), Rogério (EMATER-RS - CNAPO).



Início – depoimento de dois agricultores

Relação do Raimundo (agricultor) com o núcleo Cajui:

- Questão: Disparidade entre investimento na agricultura familiar e no agronegócio;
- Como os NEAs vão sobreviver diante de uma desigualdade econômica tão gigantesca? No Brasil as pessoas mais ricas, detêm uma fortuna que se aproxima do PIB brasileiro. A nível mundial as 10 pessoas mais ricas do mundo detêm um patrimônio daria para alimentar muita gente. É muita desigualdade. Como os NEAs conseguem sobreviver a isso?
- Eu e o NEA Cajui – imagina uma terra seca, onde nada dá. O NEA se aproxima da comunidade e traz a esperança de que é possível produzir alimento sem destruir a natureza. Ganhar dignidade sem destruir a terra. Desde 2008 a terra lá é trabalhada sem uso de veneno;
- Antes do NEA aparecer na vida da família de Raimundo ele era um fiapo solto, hoje ainda continua sendo fiapo, mas um fiapo embutido em uma linha, que está embutida em um cordão, que está embutida em uma rede que é forte e que nos seu movimento anseiam, sonham, pescam a esperança de uma sociedade mais humana, justa, fraterna e feliz;
- "Esse é o meu grito, o grito das agricultoras e dos agricultores do Brasil que eu espero que tenha ego e que seja escutado por alguém";

Depoimento Maria da Silva Soares (agricultora Amazonas):

Relação com o NEAGRO – Núcleo de Estudos em Agroecologia do AM:

- Estou aqui hoje por causa do NEAGRO que foi lá na comunidade e apresentou a agroecologia. A gente não sabia nem o que era isso. Através de palestras e outros espaços o Núcleo foi proporcionando uma transição para a agroecologia, nos convencendo de que é possível produzir sem veneno. Isso nos gerou uma conscientização. Consolidamos o nosso grupo de certificação - OCS Paraíso e Terra Nova. Os núcleos são muito importantes. Ai eu pergunto pra vocês, o que falta para que esses núcleos saiam da universidade e cheguem aos agricultores? O NEGRO me ajudou muito, me sinto privilegiada, mas esse aprendizado precisa ser compartilhado, esse apoio precisa chegar a outros locais, outras regiões;
- Peço para as autoridades presentes que olhem com mais carinho para os Núcleos. O AM começou um trabalho muito bonito com os territórios, mas é um trabalho muito caro: deslocamento; transporte;
- É preciso ter verbas para que os núcleos possam desenvolver suas atividades. Os NEAs precisam sair para assistir os agricultores;
- Os núcleos são espaços de inovação metodológicas;

Metodologia: Aquario

Pergunta: O que as políticas públicas contribuem ou atrapalham os Núcleos?

DAP :

- Dificuldades de dar procedimentos com várias ações com os produtores. Um dos grandes problemas que enfrentamos no norte é a falta de DAP. Não tem DAP, porque não tem ATER, não tem um monte de coisas. Trabalhamos com o "não tem". Muitas mortes no norte do Brasil e não falamos sobre isso. Não falamos porque parece que eles são incontáveis. E isso retrata a falta de DAP;
- As políticas estruturantes existem, mas não estamos conseguindo ter acesso essas políticas. Já poderíamos ter avançado mais. Mas, por conta dessa coisa tão pequena que é o DAP a gente não consegue;

PNAE:

- Dificuldade de acesso ao PNAE por conta da falta de refeitório nas escolas. Então, precisa ser devolvido o dinheiro. A parceira com o NEA ajudou criar cozinhas comunitárias, o que garante a geração de renda e o processamento dos produtos das agricultoras;
- Diálogo com a comunidade e integração que ocorre através do PNAE;

PAA:

- Os NEAs entram com o planejamento estratégico, como aporte para essas políticas, não só o PAA;
- Formação e processo de diálogo entre os produtores e os consumidores, facilitados pelos NEAs;
- Os NEAs precisam existir para ajudar os agricultores. Essa é a função do núcleo. É importante que os agricultores tenham esse empoderamento e que façam valer os 30% do PAA;

Editais do CNPq

- Os editais do CNPq ajudam nas atividades com a agroecologia. Muitos estudantes chegam nos cursos de agroecologia sem ter uma noção do que seja o curso e os editais ajudam a manter os bolsistas que trabalham com a agroecologia. Ainda que a bolsa seja bem pouca, R\$ 400 para um estudante se manter na universidade, ela ajuda bastante e é fundamental garanti-las;
- Os editais do CNPq possibilitam garantir os bolsistas e desenvolver os trabalhos nos territórios. Além da rotatividade de trazer jovens e agricultores do campo para dentro da

universidade. E isso faz cumprir a função social da universidade. Então, daí está a importância dos editais;

- Através dos NEAs diversas atividades foram desenvolvidas em escolas no Espírito Santo, compartilhando o que aprendem no NEA;
- Chamadas que contemplaram as UEPAS e outras instituições de pesquisa – um pesquisador não pode estar só preocupado com o LATTES, mas eles são cobrados por isso. Essa lógica produtivista afasta os pesquisadores da atuação nos territórios. Os editais do CNPq ajudaram nessa aproximação entre pesquisador e agricultor; Ajudam a sensibilizar os pesquisadores para o tema da agroecologia. Não temos mais editais. O último edital que saiu não contemplou as instituições de pesquisa;
- Outra questão é o tema do currículo lattes – quantos pontos o coordenador precisa ter para submeter um projeto, na atuação dos territórios esses pontos do lattes não serve para nada. É preciso repensar essa lógica produtivista;
- Liberdade de usar o recurso – direto na conta dos coordenadores; pouco recursos, mas bem aproveitado graças as parcerias nos territórios. Todos os núcleos são reconhecidos hoje nos seus territórios e além dos territórios graças às parcerias que vão se consolidando;
- Espaço de encontro para os estudantes que não se encaixam na lógica cartesiana da universidade. Os núcleos trazem para gente esse espaço de liberdade e de encontros;

Educação – com foco no debate da educação profissional:

- Formar profissionais para atuar nos territórios;
- Historicamente no Brasil a Educação no Campo sempre foi invisibilizada. Através de diversos programas como PRONERA, procampo, etc. as pessoas do campo conseguiram acessar a universidade e se formar. Esse empoderamento é importante. É inequívoca a participação dos NEAs nas políticas de educação do campo. É enorme o número de pessoas formadas através da parceria com os NEAs ainda que com pouco recursos;
- Inúmeras experiências no norte do Brasil, em relação a este tema;
- A parceria com os NEAs no eixo de educação tem sido a tônica dos processos formativos locais;
- Pensar políticas educacionais em parceria com os NEAs é importante;
- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- Diversas teses, dissertações e outros produtos acadêmicos voltados para as questões do desenvolvimento local através das atividades desenvolvidas nos NEAs;
- Processos seletivos também precisam ser repensados – possibilitando a entrada dos agricultores e agricultoras para acesso a políticas educacionais e a universidade;

ATER:

- O problema da assistência técnica aparece muito forte nas atividades a campo. A formação de agentes de ATER é um desafio. E os núcleos tem inovado nisso. Por isso precisamos dos editais de núcleos para dar continuidade a este processo;
- Parceria com as instituições de ATER – isso é uma característica muito forte em todos os núcleos – seja através de curso, de formação; importância dessa parceria;
- Os núcleos possibilitaram formação direta com atividades com mulheres rurais – a discussão de gênero entrou numa ação prática; todos os núcleos tem trabalhos efetivos com mulheres agricultoras, quilombolas, jovens – e isso é muito importante;
- ATER Agroecologia – núcleos de agroecologia tem um papel de articulador das comunidades de forma que as comunidades começam a ser levadas para dentro das universidades e fazer trocas, seja através da construção de SAFs, debates sobre a juventude, sobre o papel da mulher, questões de ater, bancos de alimentos, bolsa família, etc.;

BANCO DE SEMENTES:

- Nea Cajui através do banco de sementes conseguiu concluir vários projetos, se estabelecer e se organizar. Começaram com poucas sementes e depois disso foi se multiplicando e hoje conseguiram uma rádio e uma tv e é através do banco de sementes que conseguimos chegar aos agricultores. Trabalhos científicos desenvolvidos nesta temática;

CVTs agroecologia e produção orgânica:

- Os NEAs cumprem um papel fundamental na comunicação e na facilitação das trocas entre as instituições e os movimentos sociais. A acadêmica pode dar apoio a este processo e isso tem um impacto social positivo muito grande, mesmo com pouco investimento de recursos;
- Ensino técnico e tecnológicos envolvidos na construção do conhecimento e de um sistema agroalimentar saudável;

Espaços institucionais:

- Como dialogar com essa riqueza traga pelo projeto de sistematização e pelos Neas? Como transforma isso em PP?
- Os espaços institucionais não foram dados, eles foram conquistados – cnapo, SEAP, condraf, cedan, etc. – como olhamos para estas experiências;
- Pensar numa estrutura institucional onde os NEAs consigam transformar essas demandas em políticas públicas;
- Pensar em como chegar nos órgãos institucionais e conseqüentemente em PP – mesmo sabendo que essas demandas vão chegar para os gestores de alguma forma, mas é preciso que exista um órgão de institucionalização dos NEAs;

Importância das políticas públicas

- Essa política é uma política pública de sucesso. A política nasceu do diálogo entre governo e sociedade civil e por isso criou essa dinâmica diversa que trabalhamos em cada núcleo;
- Este edital conseguiu juntar MAPA e MDA, conseguiu levar a pauta da agroecologia para o CNPq. Isso são conquistas;
- Estamos vivendo momentos difíceis então precisamos crescer e fortalecer a dinâmica de redes e parcerias nos territórios; tentar envolver os núcleos no maior número de dinâmicas possível, tentar entrar em outros editais possíveis de garantir nossas ações;
- Institucionalização do Núcleo – dando mais apoio financeiro via instituições, mas sem perder a autonomia;
- São tempos difíceis precisamos usar a criatividade para os núcleos poderem se manter;

PNAE:

- Trata-se de um programa vinculado ao MEC, muito grande, que repassa recursos para as instituições de ensino;
- Pelo menos 30% devem ser da agricultura familiar e desses 5% da agroecologia e produção orgânica;
- Muitas instituições ainda não compram produtos com os recursos do PNAE;
- Políticas prioritárias: PNAE e PAA em integração com os cursos FIC;
- Formação para entender como funciona o PNAE e como ampliar o acesso aos recursos do PNAE na rede federal;

Educação

- Muitas escolas do campo estão sendo fechadas desde 2003 ao mesmo tempo existem programas de ponta – políticas desenhadas na pedagogia da alternância e outras metodologias participativas. Essas políticas são muito essenciais, mas são programas caros – alternância exige recursos;
- Criação de um programa específico de formação em agroecologia e produção orgânica – nos últimos anos houve um avanço da oferta desses cursos, graças às políticas de apoio

aos núcleos de agroecologia. A política de apoio aos núcleos de agroecologia é uma política vitoriosa para a educação, possibilitando discutir a educação do campo;

PRONERA

- Importância do PRONERA e dos editais do CNPq – parceria e articulação entre as políticas;
- Cursos desenvolvidos nas EFAs – juventude agroecológica;
- Corte de financiamento do PRONERA para 2 milhões;
- Os cursos oferecidos para os assentados são bastante importantes – para transformar os sujeitos, empoderar a juventude, respeito aos direitos das mulheres e da natureza;

Sobre a metodologia usada no espaço:

- Aquário e círculo de cultura – tema gerador, as políticas – “cada pessoa, uma ideia”, baseado na proposta de educação popular do Paulo Freire;

FALA DOS MINISTÉRIOS

Metodologia: perguntas geradas pelos ministérios para conhecer as demandas dos NEAs através dos próprios NEAs;

Questão 1 - Como fortalecer e qualificar o resultado das políticas públicas direcionado aos núcleos para sensibilizar sobre os resultados dessas políticas para os órgãos financiadores:

- Fortalecer e qualificar as ações dos Núcleos não é difícil, fazemos isso na prática. Se a exigência para manutenção dos recursos dos núcleos for essa nós fazemos isso;
- Criar outros projetos de sistematização, que faz essa avaliação das ações dos NEAs. O projeto de sistematização quantifica e qualifica as ações dos NEAs;
- Várias pesquisas – teses, dissertações, artigos, foram gerados através das atividades dos núcleos;
- 450 projetos submetidos a um edital é um grande número;
- Educação em Agroecologia foi um dos temas que mais receberam trabalho no CBA e boa parte desses trabalhos vem dos núcleos – núcleos como catalizadores de políticas para o desenvolvimento territorial rural através das instituições de ensino e de pesquisa;
- Desafio é das escala para este processo que foi formado;
- O fomento possibilitou avanço importante – dentre elas vale ressaltar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, envolvendo diversos técnicos, professores e estudantes;
- Recurso do MAPA também será cortado – como cumprir com as obrigações legais do ministério e ainda ajudar os neas?
- Chamada 21/2016 – parceria de diversos núcleos que investiram no edital para manutenção e criação dos núcleos – a comissão tem soberania para a escolha dos projetos os ministérios nem leem o projeto; 100 projetos serão aprovados. Mas, neste edital terá a possibilidade de suplementar recursos posteriormente, provavelmente no ano que vem. Para a rede federal esses projetos que não receberão recursos mas que foram aprovados
- A agroecologia não está no planejamento plurianual do MEC, não é uma política específica dentro do ministério – então tem todo um processo de convencimento;
- A saída para mudarmos essa conjuntura é mudar o governo. Não tem outra saída. As universidades estão sucateadas, os nossos parceiros são os filhos pobres que também não tem dinheiro. A criação dos núcleos nas universidades gerou demanda e gerou expectativa por parte dos agricultores – eles também tem demanda pra gente. Para darmos conta de atender essa demanda precisamos mudar o governo;
- Os editais são mecanismos muito importantes para garantir subsídios;

- Os núcleos tem o papel de contribuir com a diversidade e com a continuidade das vidas nos territórios. Quando a gente fala que só os núcleos conseguem articular diferentes parceiros que por si só não se juntarem isso é um resultado, uma perspectiva de que rumos queremos tomar. A cada ator e sujeitos envolvidos nos neas são milhares de camponeses envolvidos nos processos de construção do conhecimento, valorizando os saberes tradicionais. Temos varios produtos – vídeos, cordéis, poesias, papers – diferentes formas de comunicação. É preciso que a gente afirme
- Quantos milhares de agrotóxicos não deixaram de ser usados em um território porque ali tinha um núcleo, quantas nascentes foram salvas, quantas vidas garantidas pelas ações dos núcleos;
- Bolsa interrompida não atrapalha a atividade de um bolsista – ela atrapalha uma rede de vida que está sendo gerada;
- Devemos concentrar nossas energias para mostrar que nós temos motivos de sobra para mostrar que devemos continuar no investimento dos núcleos. Emancipação dos sujeitos, se faz com sujeitos e a emancipação dos povos do campo passam pela agroecologia;
- PNAE - Os neas tem papel muito importante para ajudar os agricultores produzirem alimentos saudáveis para as escolas – é preciso fazer um trabalho de conhecimento dessa política também em escala estadual e municipal, só a escala federal é insuficiente;
- Cada ação iniciada pelos neas – seja com recursos ou sem recurso – deve ser pensado para a autonomia dos autores de forma que não sejam tão dependentes dos recursos do governo;
- A riqueza produzida no Brasil é produzida pelos trabalhadores;
- São as políticas de Estado que garantem a autonomia dos sujeitos e estamos sofrendo um golpe;
- Como garantir as políticas de estado diante desse governo golpista? Qual é a estratégia agora? Como garantir os direitos dos trabalhadores nessa conjuntura?
- Diálogo com os ministérios tem que seguir na linha de pensar nas estratégias que estão sendo pensadas para superar essa conjuntura difícil. As bolsas dos estudantes precisam serem pagas. Precisamos ter uma resposta;

Questão geradora 2 - O seu projeto tem alguma relação com as redes de agroecologia no território atendido pelo NEA? Como se dá essa relação?

- O dia 11 de setembro é simbólico pra gente – derrubada de Allende por Pinochet – ele nos lembra dos históricos desafios enfrentados pela AL;
- Como estamos trabalhando relação de poder precisamos entender nossa conjuntura. Conseguir manter espaço de diálogo com a sociedade civil nas instâncias de governo é uma vitória. Os neas sabem da sua importância;
- A articulação entre Estado e sociedade civil representa uma vitória e uma forma de resistência nesse difícil momento. É preciso lutar para manter esses espaços institucionais – cnapo, etc. – vivos; outra estratégia que foi construída é a estratégia de aproximação com os estados – RS, MG, SP são alguns estados que têm políticas estaduais de agroecologia, isso é um avanço;
- Outra estratégia é aproximar a PNAPO dos ODS;
- Os limites dos recursos são muito presentes;
- A construção dos NEAs é uma vitória – ter conseguido lançar um edital no final de 2016 foi um desafio, e é uma vitória;
- Sociedade civil e os espaços de governo precisam ser fortalecidos para a gente conseguir deixar acesa os nossos faróis. Não é uma tarefa fácil e muito menos uma tarefa suficiente, ms manter viva a chama viva das nossas demandas nos espaços institucionais é uma vitória;
- A política dos NEAs surgiu do diálogo entre sociedade civil e governo.

- Uma pauta para ser discutida nesse fórum é entender como as políticas dos núcleos que dialogam com tantas outras políticas podem ser discutidas com o governo? É preciso tirar um fórum dessa rede de núcleos para dialogar com o governo, não só via CNAPO;
- É uma política que se estruturou de tal forma que não tem como voltar atrás;
- Estamos numa rede e é por conta disso que conseguimos fazer muito mais do que nos propomos. Através da parceria;
- Os espaços institucionais é importante. É preciso sentar para dialogar com o governo, para transformar nossas demandas em políticas públicas;
- Nós vamos seguir em rede;
- Os editais – cinco pessoas para avaliar 450 projetos em cinco dias – isso significa que essa avaliação teve uma falha de tempo. Não podemos ficar com a referência de que nós temos 200 projetos bons, temos 450 projetos de agroecologia no Brasil hoje – essa deve ser nossa referência. Se temos projetos que não são bons, eles tem total condições de ficar bons;
- É preciso ter os números da influência das políticas públicas e da interferência dos neas na hora que formos fazer as solicitações ao governo.
- (Fala do Raimundo – somos um fiapo)
- SEAD se compromete a fazer o diálogo com os ministérios para garantir a continuidade dos neas;
- Sobre as bolsas a SEAD não se comprometem em resolver. Podem intermediar uma conversa com o CNPq – entender o que aconteceu, quais são as responsabilidades de cada um e as possíveis soluções;
- O que temos aprendidos com as redes dos núcleos é um olhar mais cuidadoso para a juventude. A realidade mostra que a juventude está saindo do campo e mesmo as da cidade perdem sua identidade cultural. Então, isso nos coloca um grande desafio que é muito difícil caber dentro de um edital. Dentro da concepção de pensar o bem-viver é preciso fortalecer uma lógica sobre as prioridades – dizer que a alternância é cara precisa ser repensada – a coisa mais cara que tem é a educação bancária que aliena o nosso povo – ignorância é o que custa mais caro;
- A transformação proporcionada pelos processos educativos promovidos pelos neas não tem preço. Precisamos enfrentar esse argumento, assim como enfrentamos o discurso de que produzir orgânico é caro;
- A relação com os parceiros locais é uma das razões que nos fazem dizer: “os núcleos produzem tanto com tão pouco recurso”;
- Outra dimensão que precisa ser pensada na relação dos neas é a importância do papel da cultura – valorização dos mestres griôs, dos mutirões, etc. mexer nessas entranhas para potencializar a agroecologia é muito importante. Essa valorização e respeito as diferentes culturas é o que tem feito os neas a pensarem sobre suas ações;
- Importância desse projeto dos núcleos para a visibilidade da agrobiodiversidade brasileira. O conjunto de cortes sobre os impactos dos agrotóxicos foram retirados do censo agropecuário, isso impossibilita ver o real impacto desse modelo de produção. Então esse projeto é muito importante para dar visibilidade para a agrobiodiversidade que o senso não dará;
- O censo agropecuário sofreu cortes para produzir uma interpretação de que o campo não tem vida, não tem diversidade – estamos falando da visibilidade dessa diversidade – importância do projeto – não só no senso, mas tb na vigilância sanitária;
- Institucionalização do NEAs – nem todos os neas querem se institucionalizar, outros querem e não conseguiram – o desafio é uma orientação do MEC para garantir que os institutos e as universidades facilitem esse processo, para os núcleos que tenham interesse – isso mostra também a influência dos núcleos nas universidades;
- Fortalecer a representação dos núcleos na CNAPO que quase não tem;

Ultimas palavras:

MEC

- As políticas públicas para a educação do campo são muito importantes. Elas atendem a realidade do campo. Mas, a realidade do campo é de que as escolas estão sendo fechadas;
- É possível o MEC articular uma conversa com o SISU, mas é bom lembrar que as universidades têm autonomia para pautar isso;
- Rogério: Temos muito desafios pela frente, mas tem muita coisa boa que foi feita que precisa ser valorizada;
- Pavarino: A SEAD reafirma o compromisso com as pautas dos NEAs na secretaria e o compromisso de junto ao cnpq garantir uma articulação sobre o tema das bolsas;

E nosso Rio de Histórias de Resistências, seguiu para o X CBA

Fotos da montagem da Instalação Pedagógica: <https://goo.gl/9e9KRv>

Vídeo do CBA: <https://goo.gl/eMiR49>



Anexo 1 – Matriz de Lições: Quadro Síntese (Trabalho dos Grupos)

Processos Educativos	Metodologias participativas	Agrobiodiversidade e bens naturais	Diversidade s e etnicidades	Juventude	Gênero	Saúde	Políticas Públicas
Pedagogia Crítica Popular Desafios Institucionalização da Educação em Agroecologia?	Escuta Profunda	Agroflorestas	Identidade	Reconhecer o potencial transformador do engajamento das juventudes na agroecologia em diferentes contextos, rurais e urbanos, e não escolares	Avanços: Incorporação do tema gênero e feminismo a partir do lema "sem feminismo, não há agroecologia"	Construção da Saúde do Campo	Políticas Públicas estruturantes que contribuam para o avanço da agroecologia
Processos Contínuos de Formação de Formadores	Construção Coletiva	SAFs	Preconceito	Potencializar intercâmbios que assegurem a visibilidade das diversidades culturais das juventudes	Aprendizado: Importância das Parcerias entre NEAs, organizações e movimentos feministas	Cuidados Populares em Saúde	Projeto de sistematização: espaço de reflexão e vigília
Ensino, Pesquisa e Extensão com Enfoque Territorial	Mudanças		Olhar do outro	Favorecer processos de autonomia nas dimensões econômica, política e cultural das juventudes, para além da produção técnica	Desafios Reconhecer e lutar contra o machismo institucional, para além do discurso, em diferentes níveis e em diferentes relações de poder	Alimentação e Ambientes Saudáveis	NEAs em Rede potencializam iniciativas em diálogo com o território

I ENCONTRO NACIONAL DOS NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA

:: Partilhando saberes, colhendo aprendizados e apontando lições: as contribuições dos NEAs para a construção do conhecimento agroecológico no Brasil ::



aba-agroecologia.org.br
Sistematiza.aba@gmail.com